

PROCESSO SELETIVO 2013



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

CADERNO
DE
Redações

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Grão-Chanceler

Dom Airton José dos Santos

Reitora

Profa. Dra. Angela de Mendonça Engelbrecht

Vice-Reitor

Prof. Dr. Eduardo Prancic

Pró-Reitor de Graduação

Prof. Dr. Germano Rigacci Júnior

**Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação
Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários**

Profa. Dra. Vera Engler Cury

Pró-Reitor de Administração

Prof. Dr. Ricardo Pannain

Secretário Geral

Prof. Pe. José Benedito de Almeida David

Coordenadora de Ingresso Discente

Profa. Maria Nice Duarte Martins



Processo Seletivo 2013

CADERNO
DE
Redações

*Graciema Pires Therezo
Maria Inês Ghilardi-Lucena
Maria Marcelita Pereira Alves*

**PUC-Campinas
2013**

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Sistema de Bibliotecas e Informação – SBI – PUC-Campinas

808 Ghilardi-Lucena, Maria Inês

G424c Caderno de redações PUC-Campinas: processo seletivo 2013 / Graciema Pires Therezo, Maria Marcelita Pereira Alves e Maria Inês Ghilardi-Lucena.- Campinas: PUC-Campinas, 2013. 84p.

1. Redação. 2. Narrativa. 3. Língua Portuguesa – Composição e exercícios. 4. Exame vestibular. I. Therezo, Graciema Pires, Alves, Maria Marcelita Pereira. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. III. Título.

22.ed.CDD-808

A linguagem é um poder, talvez o primeiro poder do homem (...) uma atividade humana que se desdobra no teatro da vida social e cuja encenação resulta de vários componentes, cada um exigindo um “savoir-faire”, o que é chamado de competência.

Patrick Charaudeau

SUMÁRIO

Prefácio	7
Apresentação	9
Introdução	11
Textos dissertativos e narrativos	13
Prova de Redação 2013 - Instruções gerais	15
Proposta I – dissertação	19
Comentário da Proposta I	21
Redação 1: Liberdade e obesidade	23
Redação 2: Obesidade é problema do Estado	26
Redação 3: “No, you can’t”	30
Redação 4: O governo, a economia e a saúde na medida certa	34
Redação 5: Reestruturação alimentar	37
Proposta II – dissertação	43
Comentário da Proposta II	44
Redação 6: O mundo precisa conectar-se a Ícaro	46
Redação 7: Não ser	48
Redação 8: A essência do homem	51
Redação 9: De volta à caverna de Platão	55
Redação 10: Reflexo da visão alheia	58
Proposta III – narração	63
Comentário da Proposta III	64
Redação 11: Ataque de lobo	66
Redação 12: O começo do fim	70
Redação 13: Minúscula	72
Redação 14: As chamadas desconectadas	76
Redação 15: O pesadelo do sábado à noite	80
Bibliografia para estudo	83

PREFÁCIO

Prof. Germano Rigacci Júnior

O desejo de conhecer mobiliza o ser humano. É o que nos anima a estudar o já conhecido e a enfrentar as questões do que se está para conhecer. Desde os primeiros anos de formação procuramos conhecer mais e mais. É o desafio de aprender a: pensar, raciocinar e se expressar.

Os problemas emergentes das várias dimensões da realidade clamam o encontro de conceitos explicativos, propostos pelo pensamento. Os conceitos alimentam os raciocínios, que os articulam entre si, formando, assim, as cadeias explicativas.

A abstração do pensamento e a demonstração lógica dos raciocínios, nada são, sem a linguagem que produz as suas múltiplas expressões, seja por meio da fala, ou da escrita, amparadas pela vida humana.

O vestibular exige, daqueles que visam ao ingresso no ensino superior de qualidade e, em especial nesta universidade, expressar através da escrita os seus pensamentos e raciocínios sobre determinado assunto. O presente Caderno de Redações resulta de um valioso trabalho da Coordenação Acadêmica de Avaliação de Redações, do Processo Seletivo, junto com a equipe de Avaliadores. Traz as produções de diferentes gêneros, elaboradas pelos vestibulandos durante a prova, consideradas as melhores. Elas traduzem em linguagem escrita a capacidade de interpretar os temas propostos, que nascem do mundo em que vivemos e a capacidade de expressá-los. Interpretação e expressão revestem a sensibilidade, a descoberta e o mistério, marcas de nossa humanidade.

O Caderno de Redações coloca à disposição de professores e de estudantes produções de textos, com a clareza, organização e coerência, que podem subsidiar o trabalho de todos aqueles que se dedicam ao aprimoramento da escrita.

Talvez, proporcione mais. Proporcione o encontro com aqueles que já ingressaram na Universidade, através dos textos que nos legaram, com a sua opinião a respeito dos temas propostos. Enfim, mais do que palavras bem articuladas, encontraremos o autor e sua visão do mundo, apoiada na sua interpretação dos fatos e das ideias, suscitados pela atualidade dos temas.

APRESENTAÇÃO

O Caderno de Redações da PUC-Campinas, desde 2004, é publicado anualmente, após realizados os processos seletivos. Nasceu da preocupação dos coordenadores da Banca de Avaliação, a qual conta com professores especializados em leitura e produção de textos, em oferecer aos docentes de língua portuguesa e aos seus alunos do Ensino Médio, um material didático, mas não teórico. Planejado como uma forma amena de explicitar os recursos da dissertação e da narrativa, os dois gêneros solicitados pelas propostas do exame seletivo, tem alcançado o sucesso esperado e cumprido seus objetivos: colocar ao alcance de suas mãos, em aula e fora dela, textos efetivamente produzidos por vestibulandos aprovados no ano anterior.

Publicando redações e justificando seus méritos em estudos críticos, tem a intenção de oferecer parâmetros de qualidade para o aluno que imagina ter que escrever textos eruditos ou para aquele que acredita ser suficiente transpor a linguagem oral para o papel em uma prova de vestibular. Dissertações e narrativas de candidatos aprovados no processo seletivo, mais do que os comentários teóricos, mostram, em si mesmas, de que modo adequar-se ao tema proposto, ao gênero escolhido, ao nível de linguagem, à coesão e à coerência. Objetividade, progressão de argumentos e clareza de raciocínio na dissertação, inventividade, trabalho com a linguagem, poder de criação de personagens e ações na narrativa, coerência em ambos os tipos de textos, todos esses recursos ficam evidentes nas amostras embora não atinjam, necessariamente, a excelência.

A PUC-Campinas continua optando pelos dois tipos textuais, dissertação e narrativa, por considerar que o ser humano vive entre dois mundos: o mundo narrado e o mundo comentado, e que as demais formas de organização do discurso deles derivam ou neles se incorporam. O estudante capaz de dizer fatos e dizer ideias, com proficiência, terá plenas condições de redigir qualquer outro tipo de texto, inclusive os recém-nascidos das exigências das modernas tecnologias da informação.

A prova de 2013 constou de três propostas de redação, duas dissertativas e uma narrativa, aqui comentadas. A primeira, como em anos anteriores, é fundamentada em um editorial da *Folha de S. Paulo*, cujo tema o vestibulando

deve apreender e sobre ele escrever, oferecendo sua contribuição pessoal. A segunda consta de dois textos curtos sobre um mesmo tema, mas com teses divergentes. A terceira apresenta, como sugestão narrativa, uma situação inusitada, a partir da qual o candidato deve criar uma história.

Para cada uma das propostas foram selecionadas cinco redações, que se apresentam como foram escritas e, em seguida, a sua avaliação crítica, segundo os critérios dos processos seletivos.

INTRODUÇÃO

A avaliação das redações no Processo Seletivo (Vestibular) tem por objetivo verificar a capacidade de leitura e produção de textos dos candidatos, reveladora de reflexão crítica frente ao tema proposto. É a forma de a Universidade perceber, pelas capacidades linguísticas e cognitivas apresentadas, em que medida são dominadas as habilidades esperadas. Tal trabalho, entretanto, não desconsidera a situação de artificialidade em que o vestibulando se encontra.

Ao se considerar a linguagem como interação social, em que o outro tem um papel fundamental na construção dos sentidos, é preciso levar em conta, neste caso, a falta de espontaneidade da relação de interlocução. Ambos, locutor e interlocutor, estão comprometidos com a situação tensa de um dia de exame, em que ao vestibulando compete ser avaliado e, ao corretor, avaliar. Disso decorre a artificialidade na construção das imagens que fazem de si, do outro e do assunto a ser discutido, o que interfere na produção do texto e, também, na leitura. O candidato escreve para uma banca de avaliadores, o que confere a quem lê o seu texto uma responsabilidade igualmente tensa, diferente da fruição do leitor genérico, que lê o que lhe apraz dentre os textos que circulam socialmente, concordando ou discordando, mas sem a intenção de atribuir nota.

Conforme colocações de Wanderley Geraldi sobre a tão discutida avaliação de redações, trata-se de um problema da instituição educacional até hoje não solucionado, embora dimensionado e debatido. Em situação de vestibular, adquire, ainda, maior carga de tensão do que no dia a dia escolar, em que o professor pode orientar e sugerir melhorias. O texto produzido não é aquele em que um sujeito diz a sua fala, pois ele visa atender às solicitações propostas pela Universidade. Nesse caso, não há, propriamente, um sujeito da linguagem, mas uma função-candidato que escreve para uma função-avaliador.

Nesse contexto, em que se fazem sentir pressões de diferentes ordens, desde a familiar e social até a pessoal (a auto-estima), a enunciação adquire um caráter ímpar, pondo em jogo a relação da interlocução. Assim, há necessidade de, ponderados todos esses fatores, proceder-se a uma avaliação justa, segundo critérios objetivos, muito bem definidos (adequação ao tema, ao tipo de texto, ao nível de linguagem, coesão e coerência) e rigorosamente aplicados por uma banca de avaliação composta de professores altamente qualificados e suficientemente treinados para essa tarefa.

TEXTOS DISSERTATIVOS E NARRATIVOS

As questões de gênero e de tipologia textual têm motivado os estudos na área de leitura e produção de textos. As escolas de Ensino Médio preparam os alunos para a redação de variados gêneros textuais – editorial, artigo de opinião, dissertação expositiva e argumentativa, relato, notícia jornalística, narrativa de ficção, carta, anúncio publicitário, resumo, resenha, dentre outros – visando, fundamentalmente, à aprovação nos exames vestibulares das faculdades.

Para os futuros universitários, importa produzir e interpretar os gêneros que lhes possibilitem maior interação na vida comunicativa, no trabalho e nos estudos, o que exige, também, familiaridade com diferentes níveis de linguagem.

O Processo Seletivo da PUC-Campinas optou por apresentar três propostas de redação para a escolha de uma delas, duas dissertativas e uma narrativa, focalizando, assim, dois dos gêneros textuais mais trabalhados na sala de aula. Textos dissertativos e narrativos diferem entre si na medida em que pressupõem recursos específicos, pois dissertar é dizer ideias e narrar é dizer fatos. Enquanto a dissertação atua no plano lógico-racional, a narrativa atua no lógico-emocional. A primeira privilegia o intelecto e, se bem feita, leva à admiração. A segunda, privilegiando a sensibilidade e a emoção, ao encantamento.

TEXTOS DISSERTATIVOS

Escrever uma dissertação supõe o exame crítico do assunto a ser discutido e a elaboração de um plano de trabalho que garanta a progressividade de um raciocínio lógico. Além de coerentes, as ideias apresentadas devem ser expressas de modo articulado, em nível de linguagem padrão, que permita ao leitor apreender com clareza todos os sentidos.

O primeiro passo para a produção de um texto dissertativo, depois de escolhido o tema, isto é, o aspecto do assunto que se deseja abordar, é estabelecer um objetivo. Este será responsável pela tese do autor, isto é, seu ponto de vista sobre o problema. É possível, então, redigir a frase-núcleo, que, na maioria das vezes, aparece na introdução. Esta deve conter um esboço das ideias a serem discutidas nos parágrafos seguintes.

O desenvolvimento, o chamado "corpo" do texto, deve obedecer ao projeto esquematizado pelo produtor, garantindo uma progressão dos argumentos. São as razões que sustentam a tese: explicações, exemplos, citações, dados numéricos etc. Elas são responsáveis pela objetividade da dissertação, cuja finalidade é convencer o leitor. Há várias formas de ordenação dos parágrafos, sempre constituídos de uma ideia básica seguida de complementares, mas o importante é que eles devem ser encadeados uns aos outros para constituir as relações que formam o tecido, que é o texto. Essa progressividade das ideias apresentadas é que permite ao autor chegar a uma conclusão, a qual não é, apenas, o último parágrafo, mas decorrência de todos os argumentos apresentados e deve ser absolutamente coerente com a tese.

Para a garantia da lógica e da coerência do texto dissertativo, é fundamental que apresente uma determinada estrutura – introdução, desenvolvimento, conclusão –, entretanto, não se trata, apenas, de três partes da redação, mas da sequência de um raciocínio planejado. Este será dedutivo, se apresentar a tese na introdução, seguida dos argumentos. Será indutivo, se, primeiro, aparecerem as fundamentações, para, só no final, ficar explícito o ponto de vista do autor.

TEXTOS NARRATIVOS

Narrar é representar ideias por meio de fatos organizados numa linguagem específica que lhes dê forma e sentido, no intuito de sensibilizar o leitor para uma maior e melhor compreensão do homem e da vida.

A produção do texto narrativo pressupõe a construção de um enredo baseado em fatos que se modificam no tempo, a criação de personagens que vivenciam os fatos, num determinado espaço, e a instituição de um narrador que, a partir de um ponto de vista, organiza todos esses constituintes. Um projeto narrativo deve, também, objetivar o emprego da linguagem enquanto matéria da construção formal e projetar os fatos narrados não como um fim em si mesmos, mas como suporte de ideias que os transcendem.

Assim, não basta reproduzir ou inventar alguns acontecimentos, colocando-os em sequência linear e em linguagem gramaticalmente correta, ignorando que o objetivo da proposta está, sobretudo, no seu uso particular enquanto o objeto instaurador de uma realidade que só, e exclusivamente, por ela é criada. A inventividade se pauta pelo dizer muito mais do que pelo imaginar. Portanto, não basta pensar uma história, é preciso criá-la em palavras. É da seleção, ordenação e imagística das palavras que resulta o trabalho criativo. Na literatura, as palavras não são um meio, mas um fim em si mesmas, importando menos o que dizem e mais como dizem. É no modo de realização que reside a grandeza ou o fracasso do texto literário.

REDAÇÃO 2013

INSTRUÇÕES GERAIS

I. Dos cuidados gerais a serem tomados pelos candidatos:

1. Leia atentamente as propostas, escolhendo **uma** das três para sua prova de Redação.
2. Escreva, na primeira linha do formulário de redação, o número da proposta escolhida e dê um título ao texto.
3. Redija seu texto a tinta (em preto).
4. Apresente o texto redigido com letra legível (cursiva ou de forma), em padrão estético conveniente (margens, paragrafação etc.).
5. **Não** coloque o seu nome na folha de redação.
6. Tenha como padrão básico o mínimo de 30 (trinta) linhas.

II. Da elaboração da redação:

1. Atenda, com cuidado, em todos os seus aspectos, à proposta escolhida. Às redações que não atenderem à proposta (**adequação ao tema e ao gênero de texto**) será atribuída nota zero.
2. Empregue **nível de linguagem** apropriado à sua escolha.
3. Estructure seu texto utilizando **recursos gramaticais** e **vocabulário** adequados. Lembre-se de que o uso correto de pronomes e de conjunções mantém a **coesão** textual.
4. Seja **claro** e **coerente** na exposição de suas ideias.

PROPOSTA I

DISSERTAÇÃO

PROPOSTA I – DISSERTAÇÃO

Leia o editorial abaixo procurando apreender o tema nele desenvolvido. Em seguida, elabore uma dissertação, na qual você exporá, de modo claro e coerente, suas ideias acerca desse tema.

O problema da obesidade infantil é grave e não tem solução fácil.

O Brasil segue a mesma rota epidêmica dos EUA. Lá, demógrafos chegam a prever que, devido às doenças associadas ao excesso de peso, as gerações futuras viverão menos anos do que as de seus pais.

Salvo se uma droga milagrosa for descoberta, a melhor forma de enfrentar o problema é uma combinação de menor ingestão de calorias com maior dispêndio energético (atividade física). Como ambas contrariam nossos apetites naturais, um incentivo do poder público pode ser útil.

Não se trata de promover o paternalismo do Estado. O mundo moderno oferece ferramentas tributárias e mercadológicas para que autoridades possam atuar de forma eficaz e não autoritária.

Os mais óbvios instrumentos são os impostos. Em vez de concentrar a atenção sobre medidas de alcance na melhor das hipóteses limitado, como restrições à publicidade para o público infantil (decisões de compra costumam caber aos pais), seria melhor elaborar uma mescla de incentivos e gravames que favoreça a alimentação equilibrada e deixar a propaganda na esfera da autorregulamentação.*

Vilões nutricionais, como refrigerantes e salgadinhos industrializados, em vez de banidos, como sugerem os mais afoitos, deveriam ter a carga de impostos majorada. Alimentos saudáveis, como frutas e legumes, poderiam ser agraciados com subvenções.

É possível até mesmo, por essa via, tornar um pouco mais benignos produtos hoje insalubres. Bastaria fixar as alíquotas de acordo com a quantidade de nutrientes deletérios, como sódio e gorduras saturadas, presente no alimento.

A abordagem fiscal não obrigaria ninguém a fazer o que não queira. Ao confiar na autonomia do cidadão e na autorregulamentação da indústria, tem mais chance de dar certo. E ainda dá aos fabricantes a oportunidade de veicular peças publicitárias que enfatizem a preocupação com a qualidade nutricional de seus produtos, o que contribuiria para fomentar a cultura da alimentação saudável.

*Obs.*gravames – impostos pesados*

(Folha de S. Paulo, A2 opinião, sexta-feira, 10 de agosto de 2012)

COMENTÁRIO DA PROPOSTA I

Como sempre, a PUC-Campinas oferece, como texto de apoio para a Proposta I, um editorial da *Folha de S. Paulo* do ano em curso, partindo do pressuposto de que o tema não é desconhecido do candidato-leitor, pois foi tratado pela mídia. No caso do Processo Seletivo 2013, trata-se de um assunto atual e bastante pertinente – a obesidade infantil – e de um tema preocupante – o enfrentamento da obesidade infantil.

A primeira frase do texto é uma afirmação incontestável: o problema “é grave e não tem solução fácil”. Essa afirmação já deve lembrar ao vestibulando que sua redação não poderá ter, como fecho, um parágrafo de conclusão ingênuo ou infantil, com sugestões milagrosas, muito comum em dissertações que pretendem terminar “em alto astral” tão a gosto de estudantes habituados a “sugerir solução” como forma de contribuição pessoal.

Dado o alerta, o editorial faz uma segunda afirmação ainda mais impactante: “O Brasil segue a mesma rota epidêmica dos Estados Unidos”. A comparação com um país conhecidamente de pessoas gordas e a força da expressão “rota epidêmica” leva o leitor a buscar, imediatamente, em seus conhecimentos prévios, algo que possa servir para o combate a tão grave doença. Mas não precisa procurar muito, pois, novamente, o autor faz um aviso: o que poderia ser a solução imediata, uma droga milagrosa, não existe. O jeito é preparar-se para considerações sobre remédios possíveis.

Não é novidade, então, o que o editorial propõe: menos ingestão de calorias e mais exercício físico, conselhos médicos tão amplamente conhecidos. Mas o texto prossegue, realisticamente sugerindo que, como são medidas difíceis para o brasileiro, “um incentivo do governo poderia ser útil”. Descarta, logo de início, “o paternalismo do Estado”, já chamado por muitos de “atos regulatórios”, como proibições de publicidade de alimentos infantis, proibições de venda de guloseimas não saudáveis em cantinas de escolas etc. Não é preciso agir de forma autoritária, impondo regras ou tolhendo iniciativas. Prefere que o governo lance mão de “ferramentas tributárias e mercadológicas”, isto é, aumente impostos sobre alimentos de valores nutricionais duvidosos e diminua tributos sobre frutas e legumes. Afirma que ele tem poder para fixar “alíquotas” de acordo com a quantidade de elementos nocivos à saúde presentes nos

alimentos industrializados. A medida não configuraria ingerência nas opções dos cidadãos e, no caso das crianças, não interferiria na liberdade de escolha dos pais, pois são eles os responsáveis pela educação alimentar dos filhos.

A sugestão oferece suporte argumentativo convincente, pois dessas medidas derivariam o poder de decisão dado ao consumidor, que se tornaria responsável pelo que come ou leva para casa; à indústria de alimentos, que teria a liberdade para se autorregulamentar e aos pequenos fabricantes, que poderiam lucrar com uma publicidade preocupada com a saúde da população.

Como se observa, o editorial oferece suficiente material para reflexão. Além de sua tese clara, sugere medidas a serem tomadas por autoridades, a fim de atuar de forma eficaz e não autoritária. O vestibulando observador de mundo e bem informado sobre questões de saúde tem várias possibilidades de abordagem. Pode lançar seu olhar sobre diferentes focos possíveis dentro do tema: o mau exemplo dos Estados Unidos, no que tange à obesidade por ingestão de alimentos altamente calóricos; os instrumentos de que dispõem os governos para, mesclando impostos e incentivos, enfrentar o problema; a autorregulação das indústrias de alimentos e a publicidade positiva por parte de fabricantes conscientes. Contribuições pessoais viriam em forma de considerações sobre: doenças provenientes da obesidade; o paradoxo de gerações futuras estarem ameaçadas de viverem menos, quando os avanços da medicina já promovem aumento da expectativa de vida; causas da gula infantil, inclusive o exemplo de pais comilões; falta de orientação das famílias sobre a alimentação das crianças nos primeiros anos de vida; confusão entre robustez infantil e saúde; responsabilidade dos pais na educação alimentar dos filhos; necessidade de campanhas de esclarecimento sobre alimentação saudável nas escolas e na mídia em geral; prudência do poder público no enfrentamento da obesidade infantil como doença.

REDAÇÃO 1

Liberdade e obesidade

Danilo Luís Garcia de Oliveira

A partir da segunda metade do século XX, é notável uma grande mudança no comportamento social, a qual, a despeito de muitas conquistas positivas, agravou certos problemas. Entre outros, um dos preocupantes é a obesidade infantil, que está longe de ser eliminada.

A gravidade do excesso de peso em crianças, geralmente associado à má alimentação e ao sedentarismo, tem sido ressaltada, cada vez mais, principalmente devido ao fato de que os infantes de hoje constituirão a próxima geração adulta, com responsabilidades familiares, econômicas e sociais, mas com saúde extremamente frágil. Muitas são as sugestões apresentadas, a fim de sanar o problema, apesar de nenhuma delas ter obtido resultados expressivos.

É observável que o índice de sobrepeso é mais alto em países desenvolvidos. Isso decorre do fato de que a renda média da população, associada ao bombardeio de comerciais de guloseimas, é maior nesses países, promovendo certo comodismo na sociedade e induzindo ao consumismo.

Teóricos de Frankfurt, em especial Theodore Adorno e Max Horkheimer, no livro "A personalidade autoritária", comparam a sociedade capitalista ao fascismo, devido ao imperativo exercido pela cultura consumista dominadora. O francês Michel Foucault, com esse mesmo raciocínio, alega a inexistência real do livre arbítrio. Por mais que tais ideias não se sustentem para a população adulta, no caso das crianças, pela sua situação vulnerável e influenciável, elas são bem plausíveis.

Muito se discute a adoção de hipertaxações e restrições a propagandas de produtos muito calóricos ou nocivos, tal como foi feito com o tabaco, entretanto tais medidas até que ponto não afetam a liberdade individual? Não se estaria, assim, fazendo uma política de "moldar a sociedade" aproximando-se, desse modo, do próprio fascismo? Além de tudo,

a alta carga tributária favorecerá as grandes corporações, já que eliminaria a concorrência dessas com as pequenas e médias empresas, que seriam fortemente prejudicadas.

O governo pode, sim, e deve, tomar algumas atitudes. Todavia não deve interferir na liberdade de escolha individual. Cabe a ele promover programas de orientação aos pais e às crianças, incentivando as últimas à prática de exercícios físicos e os primeiros, a educar seus filhos e provê-los de uma alimentação balanceada e saudável.

REDAÇÃO 1 – ESTUDO CRÍTICO

O candidato aborda o tema do ponto de vista social, iniciando suas considerações com as mudanças comportamentais acontecidas durante o século XX. Na introdução, antes de analisá-las, aponta um dos preocupantes resultados: a obesidade infantil. No segundo parágrafo, explicita a gravidade da ocorrência, pois compromete a geração adulta do futuro, fragilizando a saúde justamente daquela que deve assumir “responsabilidades familiares, econômicas e sociais”.

No desenvolvimento, o autor reitera, com frases transparentes, a dificuldade de sanar o problema (“Muitas são as sugestões, (...) apesar de nenhuma delas ter obtido resultados expressivos”), dificuldade essa que talvez seja justificada pela constatação de que o “índice de sobrepeso é mais alto em países desenvolvidos”, nos quais há “bombardeio de comerciais de guloseimas”, “comodismo na sociedade” e “consumismo”. Esta última constatação (comportamento das famílias modernas apontado na introdução) leva-o a evocar estudiosos que alertam sobre “o imperativo exercido pela cultura consumista dominadora” e “a inexistência real do livre arbítrio”, principalmente no caso de crianças, “pela sua situação vulnerável e influenciável”.

A segunda parte do texto é dedicada à análise das soluções até agora propostas para o problema, como “hipertaxações e restrições a propagandas de produtos muito calóricos ou nocivos”. O autor considera que afetariam as liberdades individuais e favoreceriam “as grandes corporações”.

A conclusão é que ao governo caberia “promover programas de orientação aos pais e às crianças”, incentivando estas à prática de exercícios físicos e aqueles, à educação alimentar dos filhos.

A contribuição pessoal do candidato está em afirmar uma posição contrária a iniciativas tributárias por parte do governo, como propõe o texto de apoio, e fazer apelo a argumentos de autoridade, para confirmar o domínio da cultura consumista, especialmente diante da fragilidade do livre arbítrio infantil.

Com linguagem simples e clara, cumpre a proposta.

REDAÇÃO 2

Obesidade é problema do Estado

Fernando Augusto Silva Salomão

Provavelmente, uma das poucas fases em nossas vidas em que a aparência não importa é a infância. Alimentamo-nos sem nos preocupar com calorias e com tudo que o marketing alimentício oferece de prazeroso. Nessa época, tampouco conhecemos a expressão “estética”. Ser gordo ou magro é indiferente, contudo para a nossa saúde essa distinção é significativa. A criança acima do peso, possivelmente, tem uma tendência a tornar-se um jovem obeso e suscetível a doenças associadas ao excesso de peso.

A alimentação adequada da criança é uma responsabilidade da família, mas a intensa rotina de trabalho dos pais, aliada ao vasto cardápio de alimentos pré-prontos e à vontade juvenil por hambúrgueres e refrigerantes, contribui para a formação dessa geração que se alimenta mal. Baseadas nesse cotidiano, marcas e redes de *fast-foods* visualizaram um amplo mercado consumidor e gerador de renda, indiferentes a problemas futuros que seus produtos poderão trazer aos usuários.

Algumas sociedades, principalmente a norte-americana, mostraram ao mundo o que alimentação com produtos de suas próprias marcas (a exemplo, McDonald’s) pode trazer: uma população com o maior número de obesos e a constatação de que essas gerações, que fazem uso abusivo de alimentos industrializados, viverão menos. Diante desse quadro, que se alastra há mais de uma década, o que apenas temos são mensagens de “faça exercícios regularmente”, “mantenha uma dieta saudável”, nos rodapés das propagandas dessas redes, ratificando o mínimo valor social que essas indústrias dão à nossa saúde.

Nesse panorama, manter a saúde da população jovem, principalmente daquela que irá compor a mão de obra futura do país e o financiará com seus impostos, é uma atividade de responsabilidade dos governos. A intervenção direta nos hábitos das pessoas, com proibições e reiterações é inadmissível em

nosso atual nível de democracia e livre arbítrio, no entanto, taxar mais os alimentos que podem provocar possíveis prejuízos à população e ao Estado (menos arrecadação) é uma medida que não fere o direito de escolha do cidadão, além de não gerar contragosto em uma sociedade que tem seus direitos garantidos pela Constituição.

O problema da obesidade enfrentado atualmente estende-se à saúde individual. Apesar de a mudança de hábitos ser um processo lento e gradativo, além de sofrer oposições (no caso, a indústria de alimentos calóricos), uma mudança de política do governo, no caso, é essencial.

REDAÇÃO 2 – ESTUDO CRÍTICO

É a aparência a ideia-base da introdução, que será vinculada pelo autor à indiferença das crianças pelo corpo, ingênuas que são em relação aos males do sobrepeso. Vulnerável às seduções do marketing de comidas apetitosas, o que menos importa para a infância, gulosa de alimentos altamente calóricos, é a “estética”. Essa constatação vai se tornar mais clara no terceiro parágrafo, com a grande contradição de um país como os Estados Unidos ter disseminado, com “produtos de suas próprias marcas”, como o Mc Donald’s, a figura do obeso.

O segundo parágrafo aponta a responsabilidade da família na orientação alimentar da criança e deixa claro que os pais, presos à rotina de trabalho, que, naturalmente, lhes rouba o tempo em casa, delegam para os produtos industrializados e de fácil acesso o encargo de alimentar os filhos. O amplo mercado consumidor, assim formado, gerador de lucro fácil para as indústrias alimentícias, torna-as indiferentes aos prejuízos para a saúde desse mesmo público.

Diante da realidade já constatada cientificamente, o autor prossegue seu raciocínio, afirmando que essa geração *fastfood* viverá menos, mercê de doenças resultantes do consumo dos ingredientes nocivos contidos em guloseimas, porém nada mais se faz, no país, a não ser lançar mensagens, contraditoriamente “nos rodapés das propagandas”, aconselhando exercícios físicos e dieta saudável. Prepara sua tese, explicando que, diante desse quadro, negligência das famílias e das indústrias, resta ao governo a responsabilidade de agir. As crianças de hoje comporão a força produtiva e econômica do país, portanto nada mais justo que ele se incumba de tomar providências. Como se vive em uma democracia e os cidadãos têm seus direitos garantidos pela Constituição, medidas coercitivas não poderão ser tomadas, pois são inadmissíveis “em nosso atual nível de democracia e livre arbítrio”. Resta a alternativa de “taxar mais os alimentos que podem provocar possíveis prejuízos à população e ao Estado”.

O parágrafo de conclusão lembra que “o problema da obesidade (...) estende-se à saúde individual”, uma vez que o argumento anterior para uma tomada de posição do governo era de que a doença poderá comprometer

“a mão de obra futura do país”. Sendo individual, isto é, dependendo da vontade de cada um, o processo deverá ser “lento e gradativo”, não aceito por todos, mais uma razão para a necessidade de uma política governamental efetiva.

O candidato soube mostrar a dificuldade de família e indústria alimentícia colaborarem para a educação alimentar das crianças. Esse é o seu argumento para a tomada de uma posição bem clara. A dissertação está de acordo com a proposta deste processo seletivo.

REDAÇÃO 3

“No, you can’t”

Mariana Martin

No contexto da primeira revolução industrial, a humanidade conheceu um fenômeno nunca antes visto em tão grande escala: a produção de bens por maquinários. A era a vapor iniciou um novo modelo de vida, principalmente, de consumo e apresentou aos cidadãos vastas opções de produtos no que diz respeito a qualidade e quantidade. Após séculos de aperfeiçoamento dessa revolução tão iluminada pela razão de um mundo civilizado, hoje conhecemos o fenômeno do consumo desordenado, exacerbado, exageradamente equivocado.

A produtividade alimentícia, um dos ramos essenciais desenvolvidos por essa revolução, nunca antes se tornara tão intensa. Mas tais alimentos industrializados necessitam de consumo em larga escala, isto é, grande número de consumidores. A primeira cresceu, e o segundo tem crescido, atingindo, há décadas, os Estados Unidos e aumentando, ano a ano, no Brasil. Daí o aparecimento não somente de adultos obesos, mas de uma futura geração que já traz, na infância, a carga extra de gorduras saturadas.

Se, antes da revolução industrial inglesa, houve problemas relacionados à fome, hoje, nos países desenvolvidos, há problemas relacionados ao comer demais. Já não há mais mortalidade capaz de devastar populações pela falta de alimentos, mas há países conhecidos pela ânsia das pessoas comerem desproporcionalmente, a ponto de sofrerem sérios problemas de saúde, como diabetes, problemas cardíacos, todos fatais. Tal situação tornou-se alarmante na potência americana, grande centro influenciador do Brasil e do mundo.

Nosso país confronta-se com o problema da obesidade, que, há tempos não distantes, não existia e que, apesar de aparentemente simples, não foi controlado por países pioneiros no assunto. Propostas para solucionar tal complicação têm sido debatidas e polemizadas. A sugestão de o governo

aumentar os impostos sobre alimentos “vilões” da saúde e reduzi-los para “os mocinhos” baseia-se na ideia de tentar reeducar os hábitos alimentares de uma população já viciada no “néctar triglicerado dos deuses”. A incerteza sobre o futuro dessa “geração sobrepeso”, que, pelos seus hábitos, faz pensar em redução de suas expectativas de vida, movimenta campanhas publicitárias que incentivam a boa alimentação.

Todas as propostas que busquem hábitos saudáveis, sejam elas alimentícias, estéticas ou morais, são bem-vindas numa sociedade que tem tanto a perder com a política do capitalismo livre e de pessoas cativas dessa “liberdade”. Porém, para que, de fato, se realizem, faz-se necessário começar a pronunciar uma expressão em desuso no mundo do “Yes, you can” (Sim, você pode!). Essa frase é “Não, você não pode!”. Não pode deixar-se tornar o que, definitivamente, um ser humano não é: um ser puramente instintivo, que leva ao extremo seus hábitos de satisfazer desejos e se esquece de que a chave para solucionar qualquer entrave encontra-se em si mesmo. E no que come.

REDAÇÃO 3 – ESTUDO CRÍTICO

O texto inicia-se com a referência à origem dos produtos industrializados no mundo – a primeira revolução industrial –, inteligentemente partindo do pressuposto de que não é a alimentação natural, a comidinha feita em casa, que provoca a obesidade. Consta a transformação do modelo de vida provocado pela possibilidade de consumo e de farta escolha de produtos e anuncia o problema que vai ser trabalhado ao logo do raciocínio: a desordem, a exacerbação e o exagero dessa possibilidade de compra.

O segundo parágrafo entra no tema. A produtividade da indústria alimentícia, naturalmente advinda dessa revolução e paradoxalmente dependente de uma grande massa de consumidores, nos Estados Unidos e, nos últimos anos, no Brasil tem sido a responsável por uma doença que atinge não só os adultos, mas as crianças também: a obesidade. E fica ressaltada a grande contradição: se a revolução industrial foi iluminada pela razão de um mundo civilizado, como pode essa mesma razão levar as pessoas a “comerem desproporcionalmente”, a ponto de desenvolverem diabete e problemas cardíacos? O autor, prosseguindo no desenvolvimento do seu raciocínio, aponta outra oposição registrada pela História. “Se, antes da revolução industrial inglesa, houve problemas relacionados à fome, hoje, nos países desenvolvidos, há problemas relacionados ao comer demais”. Esta ideia é a contribuição pessoal do candidato, que mostra surpresa pelo fato de ambas as situações resultarem em prejuízos para o homem, e de problemas de saúde atingirem justamente os Estados Unidos, “influenciador do Brasil e do mundo”. Infere-se, daí, a pertinência do título.

O quarto parágrafo é dedicado à abordagem da conscientização atual pelo Brasil de que é preciso solucionar o que, agora, se desvela como um problema não “controlado por países pioneiros no assunto” e, infere-se: se não resolvido pelo país mais desenvolvido do mundo, é porque é muito grave. Uma frase de efeito procura explicar a dificuldade de vencer essa luta: a população viciou-se no “néctar triglicerado dos deuses”. Com alusão à tentação de comer doces e às suas consequências para o organismo – triglicérides, placas de gordura soltas no sangue –, e, ainda, à ameaça, já comprovada cientificamente, de que as doenças do sobrepeso encurtam a expectativa de vida, o candidato constata que o país começa a se mobilizar, com campanhas que incentivam a boa alimentação.

A conclusão do texto é interessante, pois aproveita o mote do presidente Barack Obama em sua campanha para a reeleição, (“Yes, you can!”) para deixar claro que esse “Sim, você pode!”, dentro de um sistema capitalista (produção industrial que depende, cada vez mais, de maior número de consumidores) e livre (dando a eles total liberdade de escolhas) pode trazer consequências danosas. A frase final é de alerta: Não! O ser humano não pode se deixar levar por hábitos de, apenas, satisfazer seus desejos instintivos (no caso, naturalmente, comer).

Embora não tenha tratado, especificamente da obesidade infantil, o que poderia ser feito com a ideia de que os adultos são responsáveis também pela educação alimentar de suas crianças, a força dada à longa distância a ser enfrentada por eles entre o poder (permitido pela liberdade conferida pelo sistema) e o não poder (que depende mais do querer e da força de vontade pessoal) confere ao texto uma argumentação louvável.

REDAÇÃO 4

O governo, a economia e a saúde na medida certa

Alessandra de Souza Rocha

A obesidade é uma doença. O indivíduo perde o controle sobre sua vontade de comer, fazendo isso de maneira exagerada. O aumento do número de pessoas obesas, entre os jovens principalmente, é alarmante para os órgãos públicos, para a economia, as políticas governamentais e os responsáveis pela saúde pública.

A invasão de transnacionais, especialmente no setor alimentício, no Brasil, é vista de forma negativa. Com uma economia aquecida e com mão de obra barata, fatores atrativos para as indústrias internacionais, o território brasileiro e a população sofrem com a produção de alimentos com baixos valores nutricionais. Sanduíches, doces, comidas prontas e refrigerantes estão sempre presentes nas lanchonetes das escolas e, muitas vezes, com preços inferiores aos de um prato de feijão com arroz. Esse precoce acesso a alimentos não nutritivos gera gastos para o governo e prejuízos para a saúde do brasileiro.

Além do viés econômico, as despesas do governo com remédios para diabetes, por exemplo, aumentaram de modo preocupante. Com crianças e jovens tornando-se obesos, é necessária a intervenção de políticas públicas. A diminuição de alimentos não saudáveis nas escolas e impostos sobre sanduíches, salgadinhos, doces e outros, para que pratos nutritivos passem a ser preferência; o uso de propagandas e a elaboração de campanhas nas escolas em prol de educar e conscientizar os jovens são medidas que podem diminuir os gastos do governo com a saúde e proporcionar qualidade de vida à população.

Outro órgão que tem relações com o problema da obesidade é o da saúde pública. O maior número de casos de infarto, o desenvolvimento de doenças cardíacas, o sedentarismo entre os jovens e a diabetes tipo dois em pessoas cada vez mais novas são encarados como uma calamidade. A ocupação dos leitos em hospitais, os gastos com internações e com remédios, o elevado número de cidadãos que procuram emagrecer por meios cirúrgicos

de redução do estômago, lipo e outros procedimentos mostram a fragilidade do corpo daqueles que mantêm maus hábitos alimentares.

Percebe-se, então, que a obesidade é uma doença e que merece a atenção de todos. O tratamento do doente por meio de uma reeducação alimentar, acompanhamento de nutricionista e atividades físicas é o ideal. É importante, também, ensinar às crianças e aos jovens o valor de uma alimentação rica em nutrientes para o seu desenvolvimento. Além disso, a participação do governo, com as medidas já citadas, é imprescindível.

REDAÇÃO 4 – ESTUDO CRÍTICO

A redação dá enfoque especial às doenças provocadas pela obesidade, ela mesma definida pelo candidato como uma enfermidade que faz o indivíduo perder o “controle sobre sua vontade de comer”. O início do texto já afirma ser o sobrepeso dos jovens uma preocupação para os órgãos públicos, pois não só atinge a economia do país como requer providências dos responsáveis pela saúde pública.

O segundo parágrafo atribui à “invasão das transnacionais” do setor alimentício e à “economia aquecida” o alto consumo de alimentos saborosos, mas não nutritivos, pelos jovens brasileiros. Nomeia as guloseimas vendidas nas cantinas das escolas e nas lanchonetes, além dos refrigerantes, e mostra as consequências, já na infância, de sua ingestão: prejuízo para a saúde individual e gastos para o governo com doenças que são previsíveis.

A continuidade do raciocínio afirma a necessidade de políticas públicas para enfrentar a luta contra a obesidade juvenil: proibição de guloseimas não saudáveis nas cantinas escolares; impostos sobre alimentos que contenham ingredientes nocivos à saúde; campanhas sobre alimentação saudável – “medidas que podem diminuir os gastos do governo com a saúde pública e proporcionar qualidade de vida à população”.

O quarto parágrafo é destinado, especificamente, às doenças relacionadas à obesidade (infarto e outras doenças cardíacas, diabetes juvenil), à ocupação de leitos hospitalares e gastos públicos com internações e medicamentos, à procura cada vez maior por cirurgias bariátricas para redução de estômago e por lipoaspiração para retirada de gordura abdominal. A intenção é mostrar “a fragilidade do corpo daqueles que mantêm maus hábitos alimentares”.

A conclusão, provados já os perigos do sobrepeso, propõe algumas soluções: reeducação alimentar, atividades físicas, orientação de crianças e jovens sobre o valor de alimentos ricos em nutrientes para seu desenvolvimento e participação do Estado com políticas públicas na área da saúde. Embora sem grandes novidades, o texto traz, como contribuição pessoal, a grande preocupação do autor com as doenças que podem atingir pessoas cada vez mais jovens, preocupação essa que fica evidente na inserção de duas expressões fortes colocadas em momentos oportunos: “alarmante” – para o aumento do número de pessoas obesas – e “calamidade” – para o diabetes tipo dois em pessoas cada vez mais jovens.

REDAÇÃO 5

Reestruturação alimentar

Bruno Henrique do Carmo Vianna

Muito além da mera necessidade biológica para obtenção de energia, a alimentação está intrinsecamente ligada ao prazer. Consumir algo de que se gosta é, portanto, extremamente relevante, tanto para o metabolismo quanto para a satisfação com as refeições. O problema está no fato de que, na maioria das vezes, a necessidade é colocada em um patamar aquém do da satisfação, gerando excesso de nutrientes, acumulados em forma de tecido adiposo, contribuindo para um dos problemas de saúde dos tempos modernos: a obesidade.

É incontestável o fato de que a população está engordando de maneira preocupante, e esse cenário mostra-se mais caótico quando os holofotes são colocados sobre crianças, que, diferentemente dos adultos, não têm capacidade para entender quais alimentos são prejudiciais à sua saúde. Seria demasiado pueril esperar, portanto, que sejam capazes de decidir comer brócolis em vez de um lanche do McDonald's com batatas fritas, que, além de trazer deleite pelo sabor, também, muitas vezes, o traz, por meio de brinquedos variados e divertidos que o acompanham, estratégia lucrativa para os estabelecimentos e para a indústria publicitária.

Certamente, medidas urgentes precisam ser tomadas, visando à reeducação alimentar dos adultos, especialmente dos pais, para que possam educar seus filhos, no que tange à alimentação, de forma não ditatorial, mas progressiva, principalmente quando estiverem lidando com crianças que já adquiriram hábitos não saudáveis. Isso pode ser feito por meio de políticas públicas de incentivo fiscal, barateando o custo de alimentos saudáveis, junto com programas educativos, como palestras, propagandas e outras formas de conscientização. Há quem proponha o aumento de impostos sobre produtos nocivos à saúde, todavia tal medida não muda o fato de que crianças desejam essas guloseimas, o que seria apenas mais um fardo para os pais, afinal, eles teriam que comprá-las mesmo assim.

Desse modo, reeducando os pais para que tenham uma vida mais saudável, e possam passar seus novos hábitos alimentares para os filhos, ainda cabe ao Estado legislar sobre a propaganda excessiva de alimentos que estão associados diretamente a brinquedos e afins. O poder público não pode proibir o consumo, mas tem em mãos o poder de não incentivá-lo, e isso deve ser feito de forma premente. Não se pode permitir que, na atual conjuntura de obesidade no país, o desejo por alimentos calóricos seja reforçado pelos brindes que os acompanham, aumentando, ainda mais, a vontade dos pequenos, os quais são facilmente manipulados pela propaganda.

Sendo esse o cenário, percebe-se, claramente, que o problema precisa de uma solução e que são várias as possibilidades de se obtê-la. O Estado, com políticas públicas, pode educar os cidadãos e coibir formas de manipulação em massa, voltadas para crianças sabidamente influenciáveis e incapazes de diferenciar, sozinhas, o que lhes faz bem ou mal. Já os pais, cumprindo seu papel de educadores, podem introduzir, aos poucos, pratos mais saudáveis no cardápio, o que evita que o filho sinta que está sendo forçado a comer "isto" em vez "daquilo". Assim, de forma lenta, mas progressiva, o quadro de obesidade pode deixar, de forma natural, de ser um problema no país: sem imposições nem impedimentos – apenas redirecionando desejos e permitindo que se comam, sim, alimentos calóricos, mas visando satisfazer uma vontade pontual e não, um desejo recorrente e nocivo.

REDAÇÃO 5 – ESTUDO CRÍTICO

O olhar do candidato, ao trabalhar o tema, é sobre o desejo, e esta é sua contribuição pessoal. Percebe, nas pessoas, que o prazer de se alimentar, o gosto pela comida e o deleite de uma refeição saborosa são muito mais importantes do que, apenas, satisfazer a necessidade biológica de nutrientes saudáveis para o equilíbrio energético do corpo. Assim é que, da satisfação colocada em primeiro lugar, surge o excesso causador da obesidade, muito mais preocupante se for infantil. Esse foco vai ser o fio condutor do raciocínio do texto, pois é justamente do controle do desejo que as crianças se mostram incapazes, necessitando, pois, da orientação familiar.

No segundo parágrafo, colocados “os holofotes” sobre elas, apresenta um exemplo incontestável: impossível, na infância, trocar um lanche do McDonald’s por brócolis, ou resistir aos apelos dos brinquedinhos que o acompanham.

Colocado o problema, é hora de pensar em soluções. Coerente com a ideia introdutória da dissertação, alerta que é sobre os adultos que deve pesar a iniciativa de reeducação alimentar dos filhos, de modo direto, em casa, de forma “não ditatorial”, de modo indireto, guiados pelas mãos do governo que providenciaria políticas públicas. O autor do texto mostra preferir programas educativos, campanhas de conscientização e, até mesmo, barateamento dos alimentos saudáveis, a iniciativas de cunho tributário, com aumento de impostos sobre produtos nocivos à saúde. Novamente aparece a questão do desejo das crianças, ao qual os pais, segundo ele, em geral, sucumbem, e, no caso, comprariam, mesmo que mais caras, as guloseimas não saudáveis pedidas pelos filhos.

A solução apresenta-se, pois, com dupla face: atitudes de pais e medidas do governo. A este, a função de “educar os cidadãos e coibir formas de manipulação em massa” das empresas alimentícias, referência à “estratégia lucrativa para os estabelecimentos e para a indústria publicitária” apontada no final do segundo parágrafo; àqueles, o “papel de educadores”, persistentes e, sobretudo, pacientes na progressiva e lenta tarefa de oferecer comida saudável aos menores, sem imposições autoritárias. Nesse momento do texto, que prepara a frase final, fica patente que o autor considera o tema da

obesidade infantil muito delicado, daí o cuidado com que propõe medidas não agressivas, mas protetoras de vulneráveis.

O aspecto do desejo reaparece na conclusão, fechando o círculo das considerações que compuseram o raciocínio de forma circular. E fica claro o objetivo do texto: mostrar que a solução é redirecionar os desejos infantis, atendendo, esporadicamente, à vontade (subentenda-se – de guloseimas calóricas) pontual das crianças, mas, não, contribuir para que se torne recorrente, quer satisfazendo-a sempre, quer permitindo que seja influenciada por propagandas ou brindes.

PROPOSTA II

DISSERTAÇÃO

PROPOSTA II - DISSERTAÇÃO

Leia com atenção os textos seguintes.

I. *Talvez uma característica essencial de nosso tempo seja o valor absoluto que se dá ao fenômeno da conectividade.*

Explico-me: parece que hoje a vida de cada um depende de estarmos conectados a algo ou a alguém, via celular, internet, videogame, i-pod, tv interativa, ou o que seja. É como se nossa identidade mesma se firmasse a partir de alguma conexão, por meio de algum suporte eletrônico, com o meio externo. Que fim levou a tal da vida interior? Ainda faz sentido falar nela?

II. *Quando vejo a vizinha, já velhinha e solitária, acionar seu laptop e vagarosamente digitar como quem reaprende a ler e a escrever, penso que estamos vivendo uma época em que a solidão humana vai sendo progressivamente afastada. Num toque de dedo acessamos o outro, os outros, o mundo, participando assim de uma comunidade verdadeiramente globalizada. A moderna socialização deixou para trás, parece que definitivamente, o triste confinamento dos indivíduos.*

Esses textos defendem posições opostas. Escreva uma **dissertação** em prosa, na qual você argumentará a favor da posição com a qual mais se identifica.

COMENTÁRIO DA PROPOSTA II

A Proposta II de 2013 solicita que o candidato reflita sobre um fenômeno marcante da modernidade: a conectividade. Tomado como assunto, sai do campo da discussão de um problema físico e possíveis soluções de enfrentamento, como no caso da Proposta I, e leva ao campo da abstração: qual o valor do fenômeno da conectividade para o homem de hoje? Esse recorte temático encaminha o vestibulando ao mundo dos valores, mas, mais do que isso, como são duas as posições oferecidas como apoio, permite-lhe abrir um leque de constatações a partir de suas observações pessoais.

São dois os textos-base. O primeiro tem, como tese, a ideia de que, hoje, o valor absoluto que se dá à conectividade parece levar à perda de sentido da vida interior. O autor não faz uma afirmação categórica sobre essa perda, que parece temer, mas insiste na dúvida que o atemoriza. O advérbio “talvez”; os subjuntivos “seja”, “se firmasse”; o verbo “parece que”; a expressão “como se” e as perguntas finais – “Que fim levou?”, “Ainda faz sentido?” – configuram um estado de espírito inquieto diante de uma possível perda inestimável. Ao mesmo tempo, a objetividade com que nomeia as novas tecnologias, que permitem a conexão instantânea com algo ou alguém, (celular, internet, videogame, i-pod, TV interativa) trazem implícita a sua certeza de que esses suportes eletrônicos vieram para ficar. E a palavra-chave passa a ser “identidade”, mais dolorosa do que “valor” no sentido das perdas. Não é só a vida interior que sofre prejuízo, mas a identidade pessoal.

O segundo texto não fala em perda, mas em ganho. Sua tese é de que a moderna socialização pela conectividade “deixou para trás” a solidão dos indivíduos. O argumento básico é o do exemplo, por isso, muito convincente. Ao invés de teorizar sobre os benefícios da interação social por meio do contato *on-line*, lembra o poder que a vida digital deu ao idoso de entrar em contato com “o outro” (infere-se, com os seus queridos) e com o mundo (infere-se o mundo lá de fora, pois os velhos, limitados que são, ficam fisicamente confinados à sua casa). As palavras “solitária”, “solidão” e “confinamento” pintam o quadro de isolamento a que uma grande parcela da população, até agora, se via condenada, por idade ou por debilidade da saúde física. Esse abandono, agora, pode ser curado pela conectividade. É ela que permite a participação em uma “comunidade verdadeiramente globalizada”.

Duas posições diferentes sobre um mesmo fenômeno oferecem possibilidades diferentes de argumentação ao vestibulando. Não se pode esquecer, no entanto, que os jovens de hoje, maciçamente aqueles que nasceram após 1995, ano da entrada da internet no Brasil, serão, provavelmente, defensores do segundo ponto de vista. Aqueles que souberem refletir sobre o valor do silêncio e da quietude, sobre os ganhos do exercício da vida interior, trarão contribuição interessante à discussão desta proposta.

Abordagens possíveis trarão considerações sobre: o sujeito e a internet hoje; a possibilidade de acesso ao mundo digital nas diferentes classes sociais; a afirmação da identidade pela conexão digital; as vantagens e as desvantagens do uso da internet; os aspectos positivos e negativos dos modernos suportes eletrônicos em geral; o comportamento das novas gerações a partir dos modernos hábitos de conectividade; as relações pessoais e familiares nas sociedades conectadas pela via digital; a importância política e social das redes sociais; a internet e a globalização.

REDAÇÃO 6

O mundo precisa conectar-se a Ícaro

Ingrid de Abreu Woigt

Mesmo depois de muitos momentos históricos de transformação ideológica da humanidade, como por exemplo a mudança do pensamento teocêntrico para o antropocêntrico em decorrência das chamadas Revoluções Burguesas, vivemos hoje o que se pode caracterizar como a Era da Informação, na qual os valores a serem prezados mantêm íntima relação com a intensa globalização que a sociedade do século XXI experimenta.

Na atualidade, a velocidade dos meios de comunicação tem contribuído para eliminar, cada vez mais, as fronteiras existentes. Isto é, nunca foi tão fácil receber notícias do Azerbaijão enquanto se reside no Brasil, ou aprender toda a matéria da prova gastando algumas horas em uma enciclopédia virtual, ou ainda se comunicar com australianos em Sidney sem precisar movimentar muito mais do que o dedo indicador nos cliques do *mouse*. O mundo tem alcançado um extraordinário estreitamento da dimensão espaço-tempo.

Entretanto, toda essa conexão em tempo integral implica na obsolescência do contato físico: pessoas da mesma residência se comunicam via *chat*! Afeto pode ser demonstrado por palavras de uma maneira estupenda, porém o mais lindo verso não consegue por si só substituir a beleza de um olhar, nem o calor de um abraço. E parece que a sociedade contemporânea se esquece disso. Agora a vida é rápida e o que não é prático cai no desuso.

Sendo assim, pode-se estabelecer uma analogia entre o universo conectado no qual a humanidade está inserida e a história de Ícaro, da Mitologia Clássica. No mito, o rapaz é presenteado com asas, mas voa tão alto, tão perto do sol, que estas derretem-se por serem de cera. Assim é a humanidade hoje, que dispõe de uma intensificação no fluxo de capitais, de pessoas e de informação, mas não se vê capaz de aproveitá-la com eficiência, ou seja, falta-nos a sensatez que faltou em Ícaro e não lhe permitiu respeitar os limites de seu novo estilo de vida.

À sociedade cabe explorar os benefícios trazidos pela conexão em escala global, mas com prudência, para que possa “desaprender” a priorizar o contato virtual em detrimento do real e transmitir às gerações futuras uma cultura de conectividade física e ideológica, não apenas digital.

REDAÇÃO 6 – ESTUDO CRÍTICO

A redação *O mundo precisa conectar-se a Ícaro* foi buscar na mitologia grega a analogia para o título e para a base argumentativa que o justifica: comparar as atitudes da humanidade de hoje em relação à conectividade com a história de Ícaro, jovem que, deslumbrado com o poder que suas asas – construídas por seu pai – lhe deram, não soube aproveitá-las devidamente, aproximando-se do perigo maior – o sol – que o levou à morte.

A construção dessa argumentação assemelha-se àquela do primeiro texto-base da proposta de redação em que se chama a atenção para a perda que o excesso de conexões por internet ou de informações disponíveis no mundo moderno pode causar, se as pessoas não souberem olhar para a vida interior e valorizar os aspectos mais humanos. Se não souberem quais são os limites aceitáveis para estarem ligadas aos meios modernos de comunicação, não perceberão os perigos a que esses excessos podem levar. A analogia é pertinente e demonstra bom aproveitamento de conhecimentos da mitologia grega.

Para chegar a esse problema típico do século XXI, no primeiro parágrafo, há uma rápida passagem pelas transformações da humanidade até chegar à Era da Informação, que enfrenta as consequências da globalização. Situado o momento histórico atual, há, no segundo parágrafo, exemplos de situações em que a distância espacial e temporal foi tremendamente encurtada.

O texto dissertativo mostra que aquilo que poderia ser muito bom e proveitoso para a humanidade, paradoxalmente, é exatamente o que a tem prejudicado. Toda a tecnologia da modernidade não traz os benefícios da afetividade, do calor humano e da beleza da vida.

A solução proposta no último parágrafo é que as pessoas possam “desaprender” a priorizar o contato virtual e viver mais com contatos pessoais, no mundo real.

Bem construído, o texto mostra que falta sensatez aos homens para aproveitarem bem as tecnologias modernas e para perceberem os limites do uso dos meios de comunicação. Faz um alerta aos leitores para que reflitam sobre as consequências de seu comportamento com relação ao mundo virtual.

A linguagem é simples e clara, em uma proposta em defesa da tecnologia moderna, contanto que bem aplicada e contrabalançada com a valorização do mundo interior de cada indivíduo.

REDAÇÃO 7

Não ser

Luana Correia de Camargo Rangel

A modernidade trouxe consigo inúmeras invenções de cunho comunicativo. Telejornais, internet, celular e as redes sociais impõem à sociedade a constante vigilância sobre tudo e todos. Tal subjugação humana em relação às tecnologias da globalização constrói um infeliz cenário de falta de privacidade, massificação dos sujeitos, liquidez das relações sociais e perda da individualidade.

Essa situação vigilante da modernidade representa o conceito de Panóptico do filósofo Michel Foucault. Para Foucault, a forma eficiente de vigiar infratores é por meio de um sistema constituído por uma torre central de onde se possam observar todas as celas. Como consequência, os vigiados, sabendo da observação, acabam moldando seus atos a comportamentos aceitos. Ou seja, a observação muda a forma de agir. É o que acontece com as redes sociais, a televisão, os celulares: o indivíduo perde sua privacidade, pois está sob constante observação e, ainda, tem sua individualidade prejudicada ao transformar suas ações para que sejam aceitas pela sociedade que o observa.

Mas, o ser social é tanto observado quanto observador e, embora seja prejudicado pelo "big brother" da vida real, não consegue se desvencilhar dos instrumentos dominadores. Pelo contrário, ele gosta da constante presença do outro em sua vida, pois essa vigilância torna tudo artificial. O ser molda-se ao que a sociedade aprecia, é dominado pela cultura de massas, pois assim não há necessidade de um envolvimento profundo, de laços reais. O sociólogo Zigmunt Bauman criou o conceito de modernidade líquida, a falta de concretismo nas relações dos homens; para ele o uso de tantas formas de uma falsa aproximação dos indivíduos, como exemplo as redes sociais, é consequência do medo de estabelecer laços firmes e mostrar a verdadeira essência que pode ser rejeitada por uma sociedade que despreza a profundidade das relações sociais.

Dada essa rejeição é fácil entender por que o homem do século XXI é tão dependente dos meios de comunicação modernos. Nas redes sociais criam-se imagens falsas e vigiam-se aqueles desejosos por observação, nos telejornais é possível saber o que acontece no mundo sem precisar pensar ou discutir um assunto. A vida fica superficial. O panóptico e a modernidade líquida são o retrato perfeito de uma sociedade sem laços, opiniões ou interioridade, pois o ser humano moderno é incapaz de ser por inteiro, precisa do outro para fingir ser o que o mundo deseja.

REDAÇÃO 7 – ESTUDO CRÍTICO

A redação *Não Ser* inicia-se com a tese de que as invenções tecnológicas da modernidade e o advento da globalização trouxeram aspectos negativos, principalmente a dependência humana dos aparatos que possibilitam a vigilância constante dos indivíduos, o que aponta para “um infeliz cenário de falta de privacidade, massificação dos sujeitos, liquidez das relações sociais e perda da individualidade”.

No segundo parágrafo, há a citação do filósofo Michel Foucault e do conceito de Panóptico. É bastante pertinente o argumento para explicar a questão. Sabemos que, no final do Século XVIII, o filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham concebeu a ideia do panóptico. Para isto Bentham estudou o sistema penitenciário e criou, então, um projeto de prisão circular, onde um observador central poderia ver todos os locais onde houvesse presos. Esse é o Panóptico. Depois, o conceito foi trabalhado por Foucault.

No século XX e, sobretudo, neste século XXI, novas tecnologias de comunicação e informação surgiram, permitindo formas inusitadas de vigilância, que, por vezes, tornam-se tão dissimuladas que não são facilmente percebidas. Assim, o autor da redação aponta “as redes sociais, a televisão, os celulares” como causas da perda de privacidade, pois o indivíduo “está sob constante observação e, ainda, tem sua individualidade prejudicada ao transformar suas ações para que sejam aceitas pela sociedade que o observa”.

Afirmando que os vigiados acabam moldando seus atos a comportamentos aceitos, leva a tese de que “a observação muda a forma de agir” para o campo das redes sociais e aprofunda suas considerações. Com grande poder de observação, mostra que, embora prejudicado pela perda de sua privacidade, o homem moderno não consegue se desvencilhar da vigilância, pois gosta da “presença do outro em sua vida”. Essa justificativa é reveladora. A presença virtual do outro, presença artificial – e por isso não interferente por se tratar de “falsa aproximação” – é que faz sua vida se tornar artificial e, por isso, não real, imune ao sofrimento que podem trazer as relações humanas profundas e verdadeiras. Vida superficial é muito mais fácil de ser vivida. Na liquidez apontada por Zigmunt Bauman, em que nada é feito para durar, “sem laços, opiniões ou interioridade” é possível escapar de “ser por inteiro”, o grande fardo humano.

A redação demonstra boa seleção de argumentos, coerência e boa contribuição pessoal sobre o tema. Finaliza abordando a dependência do homem do século XXI dos meios de comunicação modernos, que lhe permitem não pensar, abdicar da interioridade, para “fingir ser o que o mundo deseja”.

REDAÇÃO 8

A essência do homem

Andréia de Oliveira Pain

A valorização da subjetividade é um bem do passado. Entendida como objeto de estudo da ciência a partir do desenvolvimento da teoria psicanalítica freudiana, essa estrutura da psique humana perde valor na contemporaneidade e tem seu espaço ocupado por produtos e serviços da modernidade. Mais que um prejuízo individual, o aviltamento da subjetividade contribui para o estabelecimento de relações assimétricas, com a reificação do humano e a personificação dos objetos.

Essas relações assimétricas são fruto da deturpação da ética, sendo esta componente sumário na construção da subjetividade. A ética é o elemento censório individual, aquele que julga o caráter dos objetos e das situações. Quando usurpado por forças de ordem estritamente econômicas, esse elemento privilegia a aquisição de um produto em detrimento da reflexão acerca da necessidade real implicada a essa aquisição. Ou ainda, quando usurpado por relações objetais exteriores, ele colabora para o desenvolvimento de uma identidade diferente, de uma personalidade que não se satisfaz quando na solidão.

A insatisfação referida é concretamente observada na atualidade quando um sujeito esquece o celular em casa, quando a conexão da internet falha ou mesmo quando todas as músicas de seu *i-pod* foram tocadas repetidamente. A ausência de um elemento distrator gera angústia e ansiedade naqueles que não têm intimidade com a vida interior. Esses elementos cumpriram a promessa de aumentar a conectividade entre os indivíduos, porém, como efeito colateral, têm aniquilado a subjetividade.

Talvez tal aniquilação seja uma proposta voluntária, e não apenas efeito colateral, pois a subjetividade é a matriz das emoções humanas, tanto eufóricas quanto disfóricas. E é sabido que a tecnologia surgiu como forma de eliminar (ou minimizar) as fontes do sofrer do homem que, segundo Freud, são a

prepotência da natureza e a fragilidade do corpo. Exemplificando: a internet “encurtou” distâncias naturais e a medicina postergou o inexorável fim da vida. As angústias da distância e da morte foram artificialmente resolvidas, o que possibilitou a sublimação desses assuntos pelo indivíduo, ou seja, ele já não pensa em tais angústias dado seu caráter (aparentemente) resoluto, investindo sua carga afetiva no meio externo.

Esse investimento destituiu o sujeito das principais características que o tornam humano: a autorreflexão, a dúvida sobre si próprio, as experiências interiores de amor e ódio. Ainda que sejam incitadas pelo contato com o outro, a experimentação dessas características é uma atividade individual e interna, de responsabilidade exclusiva da subjetividade.

Assim, os contatos sociais facilitados pelas invenções tecnológicas da modernidade devem ser estímulos a comportamentos introspectivos que tenham a ética em seu estado puro como mediador entre a vida interior e aquela exterior. Subjugar o papel da subjetividade é preterir a experiência humana à existência objetual.

REDAÇÃO 8 – ESTUDO CRÍTICO

Intitulada *A essência do homem*, a dissertação procura mostrar que, com os avanços tecnológicos da modernidade, o homem está perdendo a sua essência, a subjetividade, ou a autoconsciência, tão valorizada em tempos passados. O vestibulando busca elementos argumentativos na Teoria Psicanalítica de Freud, para contrapor os valores interiores aos exteriores, ou seja, aos produtos e serviços da sociedade atual. Estabelece, assim, a grande oposição da atualidade: os homens tornam-se “coisas” e os objetos são tratados como humanos.

No segundo parágrafo, aparece a causa principal da deturpação dessas relações entre os humanos e os objetos: a falta de ética, elemento fundamental para o equilíbrio das atitudes dos homens. Passa-se a privilegiar o consumo sem sua real necessidade, sem os motivos para a aquisição de objetos.

O terceiro parágrafo aborda a insatisfação que os indivíduos sentem quando os modernos aparelhos tecnológicos não estão à mão ou não funcionam adequadamente, conforme as expectativas. A ausência desses elementos de conexão ou entretenimento provoca “angústia e ansiedade”, pois o fato de estarem constantemente conectados por meios modernos aniquilou sua subjetividade. Mas, talvez, essa aniquilação da possibilidade de reflexão e de verdadeiro contato humano com seus semelhantes seja uma proposta voluntária (quarto parágrafo), pois a tecnologia surgiu como forma de eliminar ou reduzir as fontes do sofrer do homem. Se a subjetividade é a matriz das emoções humanas e estas podem causar sofrimento, por que não afastá-la?

A partir desse silogismo, o autor do texto entra, corajosamente, nos meandros dos medos da distância e da morte, frutos de autorreflexão, de dúvida sobre si próprio e de experiências interiores. Em não havendo investimento em vida interior, em sua natureza humana e, sim, no meio externo, as angústias, artificialmente, se resolvem.

Ao concluir, a redação traz, como contribuição pessoal, as relações objetivas, teoria desenvolvida na psicanálise para se compreender a atividade psicológica a partir do relacionamento humano com “objetos” (isto é, uma entidade que atrai a atenção e/ou satisfaz a uma necessidade, e não uma

“coisa”), apontando, como solução para a situação, que “os contatos sociais facilitados pelas invenções tecnológicas da modernidade devem ser estímulos a comportamentos introspectivos que tenham a ética em seu estado puro como mediador entre a vida interior e aquela exterior. Subjugar o papel da subjetividade é preterir a experiência humana à existência objetiva”.

A complexidade da escolha dos argumentos torna a redação diferente daquelas que utilizam argumentos mais comuns e conhecidos. Seu mérito é o emprego do inusitado. Apesar da disforia apresentada, há uma indicação de solução para a humanidade, ao voltar-se para a ética e a valorização da vida interior.

REDAÇÃO 9

De volta à caverna de Platão

Sonia Mayumi Gondo

Na Alegoria da Caverna de Platão, o filósofo apresenta o contraste entre o mundo real e o mundo das sombras. Alguns indivíduos, por terem nascido e crescido dentro da caverna, somente viam através da penumbra, acreditando ser a sombra a imagem real dos objetos. Porém, um homem teve a iniciativa de ir ao encontro da luz, sofrendo um período de irritabilidade e de dor nos olhos até adaptar-se à nova realidade. E, a partir desse momento, aprendeu, de fato, a enxergar o mundo como realmente é. Em analogia à alegoria de Platão, o homem está desaprendendo a enxergar o outro e a si mesmo. Por conta do excessivo uso tecnológico, retorna-se para dentro da caverna, onde a sombra é a única imagem vista.

As inovações tecnológicas que, até então, acreditava-se serem uma simbologia dos avanços conquistados pela humanidade, estão fazendo o homem retroceder. Está se extinguindo a profundidade humana. O homem conectou-se ao mundo, porém se desconectou de si mesmo. O tempo todo acessado aos sites de informação, recebe novidades do mundo inteiro, no entanto, com essa gama de dados, nada é verdadeiramente absorvido e analisado. É dessa mesma maneira que o homem passou a observar o outro e a si próprio. Vê, mas não enxerga.

Zygmunt Bauman, em "Modernidade Líquida", critica essa tendência moderna, na qual "tudo passa, tudo se perde e tudo se esvai". A fluidez do tempo, percebida por Bauman, é o reflexo da falta de essência do homem atual. Devido à inconstância temporal, não há formação de identidade, a qual está diretamente relacionada às experiências de vida, ocorridas em um processo de passado, presente e futuro. Porém, o homem planejou essa sequência temporal na extensão do presente, anulando qualquer possibilidade de se obter qualquer aprendizado com o passado e qualquer preocupação com o futuro.

Por um instante inicial em que foram apresentadas ao mundo as novidades tecnológicas do celular, da internet, do *i-pod*, acreditou-se, de fato, que eram passos em direção à luz. No entanto, as consequências observadas foram o oposto. O homem voltou a ver sombras, estendeu a sequência temporal em um único plano, anulou as possibilidades de se terem experiências de vida e, como consequência, não há mais identidade. A tecnologia gerou uma sociedade essencialmente vazia.

REDAÇÃO 9 – ESTUDO CRÍTICO

“O homem conectou-se ao mundo, porém se desconectou de si mesmo”. Essa afirmação, no segundo parágrafo da redação *De volta à caverna de Platão*, resume a situação provocada pelo avanço tecnológico da atualidade, em que os homens da contemporaneidade comportam-se como o descrito no Mito da Caverna, do filósofo grego Platão (encontra-se na obra *A República*). A analogia é pertinente, bem explicada, inclusive dá título ao texto. Trata-se da exemplificação de como podemos nos libertar da condição de escuridão que nos aprisiona por meio da luz da verdade. Platão discute sobre teoria do conhecimento, linguagem e educação na formação do Estado ideal. A partir da leitura do Mito da Caverna, é possível fazer uma reflexão extremamente proveitosa e resgatar valores fundamentais para a Filosofia.

No segundo parágrafo, há o argumento de que a má utilização das inovações tecnológicas são a causa da escuridão em que os homens estão mergulhando, pois, ao ficarem conectados ao mundo via tecnologia, estão se desconectando dos seus semelhantes. A maneira de os homens verem o mundo não lhes possibilita perceberem a realidade à sua volta, com olhos críticos e com discernimento. É o que comumente se diz: “vê, mas não enxerga”.

O parágrafo seguinte traz o sociólogo polonês Zigmunt Bauman, para falar da fluidez do tempo e da ausência da essência humana. Em sua obra *Modernidade Líquida*, Bauman reflete sobre as mudanças da sociedade moderna, que acarretam o individualismo.

A construção argumentativa, na sequência proposta, leva à conclusão de que as novidades tecnológicas, ao invés de trazerem luz à humanidade, estão provocando a escuridão e, conseqüentemente, um vazio, em meio a tantas informações e conexões. Há um grande paradoxo nos dias atuais: indivíduos conectados ao mundo e desconectados de si mesmos e de seus pares.

O texto chama a atenção dos leitores para que pensem sobre os caminhos a serem percorridos e suas conseqüências. A linguagem é clara e a argumentação é coerente com o tema tratado. Demonstra boa contribuição pessoal, relacionado autores de grande valia para as reflexões propostas.

REDAÇÃO 10

Reflexo da visão alheia

Arly Vargas

A maior dádiva do homem é a capacidade de raciocinar. Durante séculos, pensadores fascinaram-se com a mente humana, tornando-a base de correntes filosóficas pautadas na razão. Em ensaios, Friedrich Nietzsche expõe o complexo caminho percorrido pelo ser humano em virtude da racionalidade nele presente. O vigente medo da queda moral, advindo do conflito interior, culmina no impasse entre a identidade psicológica e a afirmação do indivíduo como ser social.

Em Hamlet, de Shakespeare, o nobre mouro vale-se da fala para afirmar sua humanidade. Perdido em meio ao conflito psicológico, Hamlet usa dos solilóquios para buscar a razão e a própria essência. A obra do teatrólogo inglês dialoga com a situação do ser humano atual. Preso ao individualismo e ao vazio ideológico, o homem pós-moderno busca na tecnologia um modo de firmar-se como ser perante a sociedade. Dessa forma, o auto-conhecimento cede espaço à exposição pública, bem como a formação do caráter passa a basear-se somente na opinião alheia.

No conto O Espelho, de Machado de Assis, Jacobina, insuflado por elogios, sufoca a alma interna em detrimento da externa, ou seja, passa a identificar-se apenas através da visão do outro. A obra do escritor brasileiro ratifica a situação do ser humano atual, fadado ao vazio interior e à coerção social. Na sociedade pós-moderna, pautada no consumo e alheia ao afeto, as relações sociais esfacelam-se perante o individualismo. Dessa forma, o homem apega-se aos meios de comunicação, como a internet, para compensar a escassez de interação humana e tentar firmar a própria identidade.

Em meio à volatilidade das relações e aos próprios conflitos, o ser humano se apega à conectividade como forma de sobrepujar a essência interior para adequar-se aos sórdidos padrões sociais. Se antes o caráter era cultivado e a identidade pessoal prevalecia, hoje, o consumo é enaltecido e a visão alheia

prepondera. Dessa forma, o indivíduo passa a conhecer-se através do que expõe ao público e não por meio da interpretação dos próprios sentimentos.

O individualismo, arraigado na sociedade, limita-se às relações sociais. Dessa forma, o homem, preso no conflito interior, vale-se de meios artificiais para tentar afirmar sua humanidade. Atrelado à conectividade, o ser humano padece perante a coerção social que limita a real expressão. Assim, o caráter, ao invés de fundamentar-se na essência do indivíduo, torna-se apenas um reflexo da visão alheia.

REDAÇÃO 10 – ESTUDO CRÍTICO

A redação *Reflexo da visão alheia* inicia-se citando Friedrich Nietzsche, filósofo, escritor, poeta, filólogo e músico alemão, um dos mais influentes e importantes pensadores do século XIX, que defendia a ideia de que o pensamento deveria ser livre de qualquer forma de controle cultural e moral. A construção do raciocínio argumentativo menciona o filósofo para mostrar suas reflexões sobre o conflito interior vivido pelos indivíduos ao se afirmarem como seres sociais. O que ocorre atualmente é justamente o contrário do ideal.

Na sequência, o texto dissertativo vale-se de William Shakespeare, com sua tragédia Hamlet, obra analisada, interpretada e debatida por diversas perspectivas, é fato, porém trazida na redação para mostrar que “o auto-conhecimento cede espaço à exposição pública, bem como a formação do caráter passa a basear-se somente na opinião alheia”.

O terceiro parágrafo busca em *O Espelho*, de Machado de Assis, um reforço argumentativo ao falar do personagem Jacobina, um homem de 45 anos e de origem humilde, que conseguiu subir na vida por conta de sua nomeação a um posto militar. Ele pretendia defender sua teoria de que cada pessoa possui duas almas: uma exterior e outra interior. “Insuflado por elogios, sufoca a alma interna em detrimento da externa, ou seja, passa a identificar-se apenas através da visão do outro”.

Neste momento, as três obras citadas colaboram para a construção da tese de que, hoje, o indivíduo “passa a conhecer-se através do que expõe ao público e não por meio da interpretação dos próprios sentimentos”, ou seja, importa-se mais com o que os outros pensam sobre ele do que com o que ele próprio possa sentir ou pensar. Os modernos meios de comunicação, como a internet, que ditam padrões sociais, passam a suprir – aparentemente – a falta de relacionamento humano e de afeto.

A justificativa do título está mais concentrada no parágrafo conclusivo: “o caráter, ao invés de fundamentar-se na essência do indivíduo, torna-se apenas um reflexo da visão alheia”.

Há clareza na exposição e a argumentação é diversificada, demonstrando conhecimento amplo de várias obras cuja interpretação foi assimilada satisfatoriamente em favor da constatação de que, na modernidade, com os avanços tecnológicos, “o indivíduo passa a conhecer-se através do que expõe ao público e não por meio da interpretação dos próprios sentimentos” (quarto parágrafo).

PROPOSTA III

NARRAÇÃO

PROPOSTA III - NARRAÇÃO

Propõe-se que a narração se inicie assim:

A cidade onde nasci, além de muito pequena, é também muito pacata e silenciosa. Delegacia e hospital só atendem a casos de rotina, sem nenhuma gravidade. Foi por isso que, quando o telefone tocou alternada e insistentemente nesses dois lugares, no exato momento em que todos na praça se despediam para ir dormir, o tumulto foi grande. Depois de breve interrupção, tocou também lá na igreja.

Dê continuidade a esse relato, pondo em ação personagens que já estão sugeridas nesse início ou outras que preferir. Tente surpreender o leitor, tanto pela escolha do acontecimento, quanto pelo seu desfecho.

COMENTÁRIO DA PROPOSTA III

Na análise das redações da Proposta III, é necessário considerar não apenas o caráter ficcional dessa produção, ou seja, a invenção de uma história cujos acontecimentos, envolvendo personagens e vinculados a uma temática, caminhem para um determinado fim, mas também a relação produtor/leitor, dada sua importância para a atribuição de sentido. Considerando-se, portanto, o texto como um objeto de significação e de comunicação, as análises literárias pressupõem a participação ativa do leitor como coadjuvante na produção do sentido e, conseqüentemente, na atribuição de valor. Compete ao leitor decifrar as marcas construídas pelo enunciador no seu intento de produzir sentido.

Assim, essa proposta pressupõe, em princípio, que o candidato, enquanto enunciador, produzirá um texto de cunho literário e não um simples relato de acontecimentos desvinculados de propósito significativo.

Ainda nessa perspectiva, no momento da produção de um texto narrativo, o candidato deve considerar um objetivo em função do qual os fatos se organizem. Esse objetivo, ou seja, o tema, determina a organização interna do texto quanto à seleção e à disposição dos conteúdos na ordem do tempo.

Outro aspecto a ser destacado nessa modalidade de produção textual é o tratamento dado à linguagem. É por meio dela que o texto alcança expressividade, isto é, pela seleção e disposição das palavras na ordem das frases, pelos recursos expressivos calcados nas diferentes figuras de linguagem que o autor emprega ou intencionalmente se recusa a usar, por excesso ou escassez premeditada. Enfim, é pela interação forma-conteúdo numa perspectiva dialógica que um texto se realiza como objeto significante.

Na proposta em questão, o candidato deveria tomar como ponto de partida um insistente telefonema a desoras, para três instâncias públicas em curfíssimo espaço de tempo: a delegacia, o hospital e a igreja. Fato inesperado para uma pacata cidadezinha, o inusitado telefonema provoca, de imediato, uma grande inquietação na população. Na sequência, portanto, teria que considerar:

- a) o espaço: uma cidade muito pequena, pacata e silenciosa, com destaque para a delegacia e o hospital, enquanto locais públicos, salvaguardas da segurança pública e da manutenção da vida, seguidos, num segundo momento, da igreja, símbolo da religiosidade popular, recurso diferenciado dos anteriores em razão do caráter subjetivo de que se reveste.
- b) o tempo: uma hora da noite relativamente adiantada, uma vez que as pessoas já abandonavam a praça e se recolhiam a suas casas para dormir.
- c) os personagens: a população indiscriminada.
- d) o narrador: em primeira pessoa, natural da cidadezinha, mas indefinido quanto a sexo, idade, condição social e profissão.
- e) o enredo (a ser inventado pelo candidato): seleção e organização dos acontecimentos para atingir um fim, coerentemente.

A partir dessas premissas, abrem-se algumas possibilidades de se estabelecer uma relação de causa e consequência para o insólito telefonema – fator determinante para a evolução dos acontecimentos. Assim, inventar uma causa que se justifique nesse contexto é o primeiro desafio para o produtor da redação. Outro aspecto indispensável à narratividade é a sintaxe dos acontecimentos enquanto promotora de uma solução convincente. No conjunto, porém, todos esses fatores devem ser suporte de uma intenção significativa que ultrapasse os limites da ocorrência, isto é, um tema, para alcançar assim a condição de literatura.

Nessa proposta, a dificuldade maior para o candidato seria, portanto, escapar do relato e alcançar a dimensão literária, o que toda narrativa, como tal, necessariamente, pressupõe. Assim, a ele competiria não só informar o leitor dos fatos ocorridos, mas, necessariamente, sensibilizá-lo.

REDAÇÃO 11

Ataque de lobo

Ana Beatriz Trombetta Julian

A cidade onde nasci, além de muito pequena, é também muito pacata e silenciosa. Delegacia e hospital só atendem casos de rotina sem nenhuma gravidade. Foi por isso que, quando o telefone tocou, alternada e insistentemente, nesses dois lugares, no exato momento em que todos, na praça, se despediam para ir dormir, o tumulto foi grande. Depois de breve interrupção, tocou também na igreja. Os telefonemas eram repetidamente os mesmos, todas as noites, a partir daquele dia.

Ataques de lobo. Lobos... aqui!? Impossível! Esta cidade não tem nem um gatinho! Um lobo!?... Diziam que era um demônio negro que deveria ser parado.

A cidade entrara em pânico quando a polícia anunciou o toque de recolher. As mães ameaçaram tirar os filhos da escola; os pais, tidos por corajosos, formavam grupos de vigilância todas as madrugadas.

Naquela época, eu era um homem pacato que seguia a rotina: acordar, café da manhã, trabalho, almoço, mais trabalho, casa, dormir. Nunca gostei muito de jantar, mas gostava de uma boquinha da meia-noite com cereais ou um sanduiche.

Toda vez que eu levantava de madrugada, podia ver as lanternas dos "vigilantes" à distância. Amadores nunca devem sair com lanternas para perseguir alguma coisa. Aprendi isso na delegacia (era onde eu trabalhava). Eu assistia àquelas luzes dançando na minha janela toda a noite. Nem imaginavam se eu poderia me sentir irritado com isso. Realmente eu me sentia irritado com isso.

Após a terceira noite de vigilância e o quarto ou quinto "ataque de lobo", o hospital começou a receber cada vez mais feridos, todos com a mesma explicação: um lobo horrível, enorme, com olhos vermelhos de sangue.

Muitos apareciam sem um dos membros, dizendo ter sido arrancado e comido pelo lobo.

Quando os pais vigilantes (assim eram chamados) também começaram a aparecer sem braços ou pernas, a polícia resolveu participar dos grupos de busca, revezando com os policiais que vigiariam a cidade a cada noite. Na sexta-feira foi a minha vez. Eu disse que era melhor que eu ficasse em casa dormindo, mas me disseram que toda a delegacia era obrigada a participar.

Depois de quase todos estarem caindo de sono, um deles acendeu a lanterna e apontou-a para mim. Eu podia ver seus olhos, olhos certamente humanos, não de lobo.

Aterrorizados. Eles olhavam para mim e tentavam não gritar ao sentir um braço sendo devorado. Hora do lanchinho da meia-noite.

Eu era o lobo.

REDAÇÃO 11 – ESTUDO CRÍTICO

A Proposta III, narrativa, parte de uma configuração do local em que se desenvolverão os acontecimentos, ou seja, uma cidadezinha pacata e silenciosa, onde nada de excepcional acontecia, e de um tempo definido como uma hora adiantada da noite, quando todos já se retiravam da praça em que se reuniam para o laser e onde se situavam as instâncias principais da cidadania – a delegacia e o hospital – e a igreja. Além disso, abre a possibilidade do insólito (lobos) e, ainda, do absurdo (demônio negro) com o inexplicável e ansioso disparar dos telefones em hora muito adiantada, repetindo-se por várias noites.

Generalizado o pânico na população e despertada a expectativa do leitor, a narrativa prossegue num ritmo pausado, discorrendo sobre a rotina diária do personagem narrador, um pacato e inexpressivo funcionário da polícia local, incluindo seu hábito noturno de fazer uma “boquinha” à meia-noite, referência aparentemente pueril, mas que se justifica como um índice do final tragicômico da narrativa.

Vale salientar como a condição do lobo assassino e mutilador vai sendo sutilmente desenhada por outras referências, aparentemente, ingênuas ao longo da narrativa, como a observação irônica do policial-lobo – “amadores nunca devem sair com lanternas para perseguir alguma coisa” – complementada pela observação de que aquilo poderia irritar a caça. Nesse momento, o autor, sutilmente, indicia sua identidade de lobo, quando, usando a primeira pessoa do discurso (eu), assume ostensivamente a irritação: “nem imaginavam se eu poderia me sentir irritado com isso. Realmente eu me sentia irritado com isso”.

Na sequência, o lobo (irritado) segue atacando alucinadamente, inclusive os seus perseguidores (os pais-vigilantes), enchendo a delegacia e o hospital de pernas e braços mutilados até o momento final quando se assume como lobo ao devorar o braço de um perseguidor, ironizando – “lanchinho da meia-noite” e declarando – “eu era o lobo”.

Em resumo, vale salientar a boa organização da narrativa, fundindo o lúdico com o trágico numa estrutura coesa em que espaço, tempo, personagem e enredo se integram justificando-se mutuamente no sentido de criar uma

narrativa fantástica em que o homem, travestido em lobo, regredindo a um estado primitivo, inocente e, no caso, comicamente, devora seus semelhantes sem causa eficiente. Nesse sentido, podemos ir avante aventurando-nos a reproduzir a metáfora clássica de Plauto, desdobrada tempos a fora, segundo a qual, num sentido último de superação de diferenças e de submissão, o homem devora seu semelhante: "O homem é o lobo do homem".

REDAÇÃO 12

O começo do fim

Julia Knychala Souza

Taciturnos, os sinos soavam ao embalo da tensão e da melancolia que pairavam sobre toda a cidadezinha. Tão fortes eram as emoções exaladas que chegavam a ser quase palpáveis. Dentre elas, uma claramente predominava: a impotência.

Ainda que por prismas tão diferentes – delegado, médico, padre e pessoas comuns –, todos se sentiam pequenos. Mais ainda: sentiam-se vulneráveis e impotentes. Imersos em desespero, a representação da força, da sabedoria e da fé faziam-se inúteis. Embora estivessem como nunca antes tão unidos, naquele momento sentiam-se como se estivessem estado sozinhos uma vida interina.

O relógio tictateava minutos angustiantes. Lágrimas após lágrimas rolavam e quanto mais recordações semeavam, maior era certeza da terrível realidade e maior ainda era o desejo de que tudo fosse apenas um pesadelo. Por fim, de mãos suadas e num conflito de crenças, o padre levantou-se, pegou o microfone e, com um suspiro, começou a falar: Quero falar dos homens. Não perdi minha fé. Jamais o faria. E também não é do que se trata agora. Não é dos anjos ou dos demônios; não é dos ricos ou dos pobres. Não é dos maias ou dos muçulmanos. É de, nós, seres humanos. Passamos a vida preocupados demais com dogmas, doutrinas e superficialidades que beiram o ridículo. Não se trata do início nem do que está prestes a acabar. Tem a ver com o intervalo entre isso.

Quando o relógio soou a meia-noite, seu discurso foi interrompido. O mundo inteiro dividia os sentimentos vivenciados pela silenciosa cidadezinha. Era o dia 21 de dezembro de 2012 e a sensação de que o fim havia chegado era onipresente.

No minuto seguinte, tudo o que restou foi a certeza de que o fim é nada mais do que a representação de um novo começo.

REDAÇÃO 12 – ESTUDO CRÍTICO

Tendo, como ponto de partida, o parágrafo dado como inicial pela equipe organizadora da prova, o candidato, criativamente, implicitou-o sem prejuízo da clareza do sentido. A partir da previsão do calendário maia, que marcava o dia de 21 de dezembro de 2012 como a data do fim do mundo, noticiada pela mídia abundantemente, a narrativa reflete, ficcionalmente, os momentos imediatamente anteriores à hipotética tragédia, recriando, literariamente, as horas de extrema tensão que antecederiam o fim inevitável.

Nesse sentido, a narrativa se inicia sugestivamente com o badalar dos sinos, pausada e soturnamente refletindo, numa metáfora sonora, a angústia que se espalhava indistintamente por toda a população à espera do irremediável. A palavra “taciturnos”, que abre a narrativa, adjetivando o substantivo sinos, irradia-se por todo o texto como sugestão sonora inapelável da angústia e da melancolia que pairavam sobre tudo e sobre todos, independentemente da condição e do prestígio social de que, individualmente, pudessem gozar, tão inúteis aparecem o delegado, o médico e o padre diante da magnitude da tragédia que, minuto a minuto, se aproximava.

Assim, relacionando, no badalo contínuo, o crescer da angústia à passagem do tempo, no momento imediatamente anterior à chegada do fatídico dia, os parágrafos iniciais traduzem o sentimento de angústia e de impotência do homem diante da magnitude de um destino implacável e inexorável.

Na sequência, a voz do padre, alheia a Deus (não vou falar de Deus), agora mensageira dos homens (“quero falar dos homens”), compromissada com a essência de nossa existência, no derradeiro momento que os separa da morte, é um libelo em prol da autenticidade da vida, do intervalo entre um antes e um depois que desconhecemos, da vida apenas sem mistificações, como disse o poeta Carlos Drummond de Andrade, e na “certeza de que o fim é nada mais do que a representação de um novo começo”, como afirma o próprio autor, finalizando a narrativa, como uma mensagem de esperança na vida, apesar do fim que virá, para todos, inexoravelmente.

REDAÇÃO 13

Minúscula

Ana Carolina Tomomi Ragassi Inoue

A cidade onde nasci, além de muito pequena, é também muito pacata e silenciosa. Delegacia e hospital só atendem a casos de rotina, sem nenhuma gravidade. Foi por isso que, quando o telefone tocou, alternada e insistentemente nesses dois lugares, no exato momento em que todos na praça se despediam para ir dormir, o tumulto foi grande. Depois de breve interrupção, tocou também lá na igreja.

Como se fosse um alarme, o barulho estridente provocou tamanho choque em todos na praça que a risada e o murmúrio de conversa foram, repentinamente, substituídos por um temeroso silêncio.

Dona Ermelinda, física e encurvada, velha que morava na casa em frente à minha, foi a primeira a se manifestar:

– É ladrão! Salve, meu bom Deus, é um ladrão!

No mesmo instante, a conversa na praça foi retomada com mais força que antes. Era uma reação natural, afinal ligações para a delegacia, hospital e igreja eram raras e normalmente se tratavam de pequenos roubos ou acidentes em plantações.

Padre Josefino era visto não somente como líder religioso em minha cidade, mas também como mediador de todo e qualquer conflito. Com alvoroço, a multidão caminhou em direção à igreja, cercanda-a. Todos aguardavam Padre Josefino para lhes contar o motivo de perturbações tão inusitadas tão tarde da noite.

Trajando seu costumeiro manto, o padre saiu de seus aposentos, localizados atrás da igreja, e correndo afoito bradava:

– Uma garota caiu no poço! Caiu e parece falar com os céus! Acudam-na!

A excitação agora não poderia ser maior. Só havia um poço na cidade, cercado de entulho, ao lado de uma propriedade abandonada. Era bem rudimentar e há muito tempo não era utilizado, porém, como fazia parte da história da cidade, foi mantido.

A situação era séria: o poço não era muito fundo, mas uma criança corria sérios riscos se caísse dentro dele. Com o vigor de uma turba excitada, todas as pessoas que estavam se preparando para dormir minutos atrás, agora seguiam em direção ao poço. Nunca tendo visto tamanho tumulto, acompanhei-as.

Ao chegarmos ao local, uma mulher em prantos tentava falar com um pequeno grupo de homens cansados e nervosos. Dona Ermelinda, ao lado do Padre Josefino, foi a primeira a se manifestar, indagando sobre a identidade da criança em apuros. Dona Luma, em meio a lágrimas, desviou sua atenção dos homens e informou que era Minúscula, filha da falecida senhora Carmelita. Um fiapo de gente. Era extremamente tímida e estava sempre cabisbaixa. Após a morte da mãe, morava com o irmão mais velho, que muitas vezes passava noites indo e vindo de fazendas à procura de emprego.

Órfã de pai, que morrera antes de ela nascer, e de mãe, Minúscula não saía muito de casa e não brincava com outras crianças. Por ser tão delicada, nem chacota de seu nome se fazia por medo de provocar nela uma tristeza ainda maior.

Em meio às discussões para se retirar a menina do poço, uma vizinha tentava se fazer ouvir:

– Estou bem, tô procurando o santo! Quero achar o santo!

O padre, acompanhado de dona Ermelinda, de uma médica sonolenta e do policial Matoso, chegou à beira do poço e tentou conversar com a menina para saber que “santo” era aquele. Imediatamente começaram especulações entre a multidão: era a mãe em espírito que viera buscar a filha, um santo que queria iluminar a pobre órfã, talvez ela tivesse ficado maluca, talvez Deus quisesse conversar um pouco com ela...

As senhoras mais religiosas puseram-se a rezar o Pai Nosso enquanto os homens testavam a corda do poço e tentavam colocar uma tábua a modo de uma ponte para tentar alçar a garota. A cena chegava a ser cômica, numa mistura de boatos, preces e comandos misturados à expectativa do possível “santo” que Minúscula dizia estar procurando.

Enquanto o padre rezava, uma escada foi posta com cuidado dentro do poço e a esperança de ver a órfã profeta emergindo iluminada ia aumentando. À medida que ela ia subindo vagarosamente, o silêncio tomava conta de todos. Só se ouvia a garota dizendo que achara o "santo". Respiração suspensa, todos aguardavam. Por fim, uma nesga de gente, Minúscula apareceu. Não tinha auréola nem brilhava. Certamente não mais divina, abençoada e profética. Em seus finos braços, um gato imundo. "Achei o santo", ela disse. "Ele tinha fugido".

Sob o olhar estarecido da cidade, o gato miou.

REDAÇÃO 13 – ESTUDO CRÍTICO

A partir das colocações iniciais que instauram um clima de tensão na população da pequenina cidade, pois a insistência das chamadas telefônicas soou como um alarme, pondo a população em polvorosa para saber o que estava acontecendo, a possibilidade de que o enredo se desenvolvesse no sentido de um acontecimento terrível e/ou fantástico era o viés mais plausível. Contudo, sem afastar tais premissas como motivadoras da ação, o tema, desenvolvido numa perspectiva jocosa, não só desqualifica o trágico e/ou o absurdo, mas se propõe como uma crítica às efabulações fantasiosas do imaginário popular.

Nesse contexto, dois componentes narrativos se destacam: o espaço, que inclui a praça e o poço com seu entorno, e o povo, enquanto personagem coletivo. A praça delinea o perfil de uma sociedade de vida cotidiana tranquila numa cidadezinha sem sobressaltos; o poço abandonado, fora da cidade, é o palco do imponderável, do sobrenatural. O povo caracteriza-se pela simplicidade de costumes, sem alternativas para o lazer, à exceção da praça central onde se localizavam as três pilastras da sociedade pequeno burguesa, crédula e ávida de acontecimentos que quebrassem o marasmo de uma existência sem sobressaltos.

Assim, diante do inusitado fato dos telefonemas insistentes e alternados para a delegacia e o hospital e depois também para a igreja, incluindo o anúncio do acidente com a menina Minúscula, órfã de pai e de mãe, tímida, miserável e franzina, em busca de um santo dentro de um poço escuro, o imaginário popular, religioso e crédulo, entre outras fantásticas possibilidades, compensando a indiferente miséria, materializou-a na figura de uma santa aureolada e brilhante, que conversava com possíveis santos, ascendendo diretamente do fundo de um poço abandonado às alturas celestiais pela mão de um santo.

O tom jocoso que se instala a partir do momento em que se conjectura sobre a identidade do "santo", passando pelas absurdas suposições da população e culminando com a expectativa da aparição milagrosa, revela um narrador crítico da indiferença da população em relação à pequena órfã desamparada e miserável.

Desfeita a ilusão, porém, o que resta é a imagem desconcertante e real de uma criança mirrada diante do "olhar estarecido da cidade". Fechando a narrativa, permanece no ar (e no leitor) a implacável ironia no miado autêntico de um gato imundo.

REDAÇÃO 14

As chamadas desconectadas

Juliana Cordeiro Zilio

A cidade onde nasci, além de muito pequena, é também muito pacata e silenciosa. Delegacia e hospital atendem casos de rotina sem nenhuma gravidade. Foi por isso que, quando o telefone tocou, alternada e insistentemente, nesses dois lugares, no exato momento em que todos na praça se despediam para ir dormir, o tumulto foi grande. Depois de breve interrupção, tocou também na igreja, o que assustou mais ainda a população, pois o fato de que também a igreja estava envolvida indicava que algo muito grave havia ocorrido.

O padre apareceu, trazendo consigo a resposta da dúvida exposta nos olhos de todos, dirigiu-se diretamente a mim dizendo:

– Detetive Felipe, eles querem você na delegacia. Parece que há algo do seu interesse.

Minha mente simplesmente explodiu. O que era de meu interesse? E olhando para os que estavam ao redor, vi a mesma interrogação nos olhos de todos. Na condição de policial, comecei a por todas minhas suspeitas em hipótese: o assalto na Joalheria Preciosa que deixou feridos, uma carta esclarecedora do caso dos Silva ou até mesmo o envenenamento da caixa d'água descoberto pelo doido do João Cientista, que nem à igreja ia só para ficar analisando soluções. Mas houve uma coisa que me passou despercebida: a ausência do "guardião" da cidade e meu chefe, o xerife Motta. Teria ele feito algo errado? Pior: estaria morto? A essa altura eu já estava perto do meu carro, pronto para voar até a delegacia.

A caminho, deparei-me com uma lembrança do dia anterior que envolvia o xerife: ele havia me contado que estava preste a fazer algo que nunca em sua vida havia pensado que faria. Não me respondeu quando perguntei o que era, mas, segundo ele, era necessário fazer. Pensei então que

fosse algo que eu não poderia saber. Seria ele um assassino? Um criminoso? Pensei nas suas possíveis vítimas: sua mãe... já não estaria morta?... sua irmã... acabara de ver, sentada a minha frente, na missa... Sobrava sua namorada... Isso! Eu não havia visto nenhuma mulher alta de vestido florido, hoje!... Pelo contrário! No momento em que entrei no carro, uma senhora idosa, alta, vestida de preto passou a meu lado. A mãe!?... Quem diria, hein?!... Um novato no meio policial desmascarar o próprio chefe! Isso daria uma boa manchete no jornal.

Ao chegar à delegacia, vi o carro do Motta estacionado. Estranhei, mas fazia sentido: um criminoso não pode ser da polícia nem ter um carro patrulha. Ao entrar, o carcereiro me avisou que estavam à minha espera na sala 2, que era a sala dos fundos. Claro!... pensei. Querem abafar o caso. À medida que me aproximava, mais ansioso ia ficando para dizer: "Já sei de tudo, chefe". Mas, ao abrir a porta, me espantei: não havia nenhum xerife, apenas o cachorro de uma ex-namorada, perdido havia uns três anos. É claro que fiquei feliz por encontrá-lo, afinal era um cachorrinho que me acompanhava sempre, mas me decepcionei comigo mesmo como investigador. Entretanto algo não estava esclarecido: onde estaria meu chefe? E por que o telefonema para o hospital? Inquietação rapidamente esclarecida ao ligar para a namorada do Motta. Como ele não estava passando muito bem, haviam resolvido ficar em casa naquele domingo. Com o cachorro no colo, saí da sala e perguntei ao carcereiro:

– Alguma notícia lá do hospital?

– Não... Ah... sim! A enfermeira Nancy ligou para avisar que eles têm recebido muitos trotes pelo telefone, sempre pedindo uma ambulância para um terreno baldio. Hoje, segundo ela, não foi um dia de muitos trotes, apenas um telefonema na hora da missa. Me parece que são crianças, mas vale a pena investigar.

Eu me senti um bobo. Esqueci uma regra fundamental da vida policial: coincidências, de fato, acontecem.

REDAÇÃO 14 – ESTUDO CRÍTICO

Reunidas na praça de uma cidadezinha pacata e sossegada, a partir de três chamadas telefônicas intempestivas, as pessoas, assustadas com o inusitado fato, pressupõem que algo muito estranho e talvez terrível tivesse acontecido.

Na sequência, a vinda do padre, figura, por si mesma, digna de respeito e de confiança, dá o aval para o temor da população e especificamente ao novato detetive quando instado a comparecer à delegacia por algo de seu interesse. A expectativa de coisa muito grave se estampa no rosto de todos – “Minha mente simplesmente explodiu... Vi a mesma interrogação nos olhos de todos”.

Estabelecido o clima de ansiedade e de expectativa, na sequência cronológica, o novo detetive busca na memória as possíveis causas para tão inesperado chamado. Mas o fato de chamarem a ele e não ao xerife para solucionar algo tão grave, despertou suspeitas de que o chefe fosse o alvo da questão, principalmente porque ouvira dele uma frase que ficara sem explicação. Daí, numa lógica não muito convincente para as possíveis causas pressupostas, mas explicáveis pela ambição de ascender na carreira, imputa a seu superior os crimes mais hediondos, dentre os quais, basendo-se em hipóteses pueris, considera o assassinato da própria companheira como uma evidência incontestável – “Isso! Eu não havia visto nenhuma mulher alta de vestido florido, hoje!... Pelo contrário! No momento em que entrei no carro, uma senhora idosa, alta, vestida de preto passou a meu lado. A mãe!?” (eliminando a suposição de que o chefe houvesse matado a própria mãe e, ao mesmo tempo, confirmando a suposta vítima).

Desvendado o crime, uma magnífica carreira se abriria à sua frente – “Quem diria, hein?... Um novato no meio policial desmascarar o próprio chefe!” – e sua fama correria o mundo – “Isso daria uma boa manchete no jornal”.

Na sequência cronológica, as certezas começam a ser desfeitas, embora busque, para cada hipótese desfavorável, uma justificativa redentora até que, ao abrir a porta da inexpressiva sala dos fundos, a decepção inapelável se materializa na figura do cachorrinho sumido havia três anos.

Desfeita a expectativa, as soluções se encadeiam respondendo às infundadas hipóteses do ambicioso novel detetive: não havia vítima, o chefe estava muito bem e os telefonemas não passaram de trote, provavelmente, de crianças inconsequentes.

Restou, na noite, um jovem detetive com um cachorrinho no colo, perambulando pelas ruas vazias com a consciência de que fora um bobo.

Aparentemente simples, a estrutura linear parte de um fato e sua divulgação, define um personagem e, no percurso narrativo, busca hipóteses determinantes de uma causa que justificasse uma tragédia sem precedentes na pacata cidadezinha, mas escapa acertadamente da previsibilidade quando transfere para a criação de um personagem ambicioso o núcleo gerativo das ações.

Assim, o viés cômico instituído pela caracterização de um detetive ambicioso, estabelecendo hipóteses implausíveis para possíveis causas de um assassinato (abortado num inconsequente trote infantil) e a lacônica solução restrita a um insignificante e inocente cachorrinho, conferem maior criatividade à narrativa, invertendo a expectativa inicial de um final trágico gerado pela ambição do inexperiente detetive.

REDAÇÃO 15

O pesadelo do sábado à noite

Jonathan Rafael Garbim

“A cidade onde nasci, além de muito pequena, é também muito pacata e silenciosa. Delegacia e hospital só atendem a casos de rotina, sem nenhuma gravidade. Foi por isso que, quando o telefone tocou alternada e insistentemente nesses dois lugares, no exato momento em que todos na praça se despediam para ir dormir, o tumulto foi grande. Depois de breve interrupção, tocou também na Igreja. Todos se perguntavam a causa de tamanho transtorno.

Um pouco antes de o sino tocar as doze badaladas da meia-noite, uma mulher, aos gritos, saiu correndo de dentro do hospital. A julgar por suas roupas, ela devia trabalhar no local, porém, quando ela passou sob um poste de luz, viram que suas roupas, que deveriam ser brancas, estavam todas manchadas de sangue. Aos prantos e em desespero, ela corria gritando repetidas vezes:

– Eles existem! Eles são reais! Salvem suas vidas! Mataram todos no hospital!

Seus gritos ecoaram na noite até se perderem quando ela desapareceu num beco escuro.

Assustados, todos os olhares se fixaram nas portas largas do hospital, esperando que algo terrível aparecesse. Segundos depois, vultos negros, rápidos

Olhávamos em volta, sem saber o que eram nem o que fazer. O espanto se transformou em desespero quando um grito agudo e dolorido de se ouvir se sobressaiu em meio ao tumulto. As histórias de vampiros e de mortos-vivos com que meus irmãos assombraram minha infância naquele momento se materializavam diante de meus olhos: um monstro, um demônio com aparência de um deus maléfico, um vampiro sugava o pescoço de uma garotinha. Paralisados e atônitos, não sabíamos o que fazer. Foi no instante em que a menina caiu no chão, pálida, morta e que o vampiro nos olhou com olhos de sangue, famintos de sangue humano, que o pesadelo começou. Incontáveis

vampiros como ele surgiram das sombras e o povo, gritando e em desespero, corria alucinado, implorando pela própria vida, que era só o que importava naquele momento. O terror durou a madrugada inteira: corpos pálidos caídos no chão, pessoas pedindo socorro, vultos negros farejando sangue...

Pouco antes do amanhecer, um deles me alcançou. Era uma mulher linda. A mais bonita que eu já havia visto em toda minha vida. Ela me olhou nos olhos e eu não relutei. Era como se eu quisesse me entregar, tornar-me um só com ela, mesmo que por alguns segundos até que ela me matasse. Então ela me mordeu e começou a sugar cada gota de vida que havia em mim. Eu nunca havia sentido um prazer tão intenso. Entreguei-me inteiramente a ela até cair pálido, seco, extenuado, morto”.

Nesse momento, John, o instrutor do acampamento promovido pela escola *Weestwood*, abaixou a lanterna que estava iluminando seu rosto e em risos percebeu que todas as crianças em volta da fogueira estavam amedrontadas com sua história de terror. Com um estranho sorriso, ele as guiou até suas barracas. No instante em que apagou a luz, Letícia, uma garota tímida, de cabelos escuros, olhando-o nos olhos, percebeu que neles havia sangue, fome e sede de vingança. Então, do fundo de sua alma, saiu um grito alucinante. Nesse momento, tudo se tornou treva...

REDAÇÃO 15 – ESTUDO CRÍTICO

No texto *O pesadelo de sábado à noite*, o diferencial narrativo se estabelece a partir da natureza discursiva *suigêneris* do narrador.

Dando voz ao personagem John para relatar o ocorrido na noite em que vampiros invadiram a cidadezinha onde morava, o texto se inicia com um narrador em primeira pessoa discorrendo sobre os terríveis acontecimentos que horrorizaram a pacata cidade quando da invasão, sem causa eficiente, de uma horda de vampiros que, em fúria, surgidos do nada, atacaram os moradores indefesos e incapazes de qualquer ação, com o único propósito de cumprir o destino que fora designado desde sua criação: sugar o sangue humano, transformando as vítimas em mortos-vivos.

Atacados, em desespero, paralisados e atônitos, os moradores não tinham como combatê-los. O terror se espalhou sem solução de continuidade, num pandemônio vermelho de sangue e gritos desesperados e sinistras capas pretas esvoaçando no negrume da noite sem lua, até o momento em que, próximo ao amanhecer, o narrador-personagem, seduzido por uma mulher-vampiro, entrega-se voluntária e perdidamente a ela.

Se a narrativa terminasse nesse ponto, o problema do narrador em primeira pessoa comprometeria a narratividade uma vez que não se abriu a perspectiva machadiana de um narrador-defunto. Entretanto, gozando de dois *status* do discurso literário, John, instrutor do acampamento promovido pela escola *Weestwood*, apaga-se como narrador-personagem e a ação prossegue com narrador em terceira pessoa onisciente. John, agora apenas personagem, cumpre seu destino de vampiro, vingando-se na garotinha Letícia de sua sina irreversível de fome e sede de vingança e deixando em aberto, para os leitores, a possibilidade do terror com todo seu conteúdo de sangue, medo, desespero e trevas.

BIBLIOGRAFIA PARA ESTUDO

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. *A força das palavras: dizer e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. *Professor, leitura e escrita*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Coord. Tradução: Angela M.S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

COSTA, Deborah e SALCES, Cláudia Dourado de. *Leitura & produção de textos na universidade*. Campinas, SP: Alínea, 2013.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, F. Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007. Série Ática Universidade.

GHILARDI, Maria Inês, PEREIRA; Maria Marcelita e THEREZO, Graciema Pires. *Redação para o vestibular*. 3. ed. revisada e atualizada, Campinas, SP: Alínea, 2006.

GOLDSTEIN, Norma; LOUZADA, M. Sílvia; IVAMOTO, Regina. *O texto sem mistério: leitura e escrita na universidade*. São Paulo: Ática, 2009.

KÖCHE, Vanilda; BOFF, Odete; MARINELLO, Adiane. *Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LEURQUIN, Eulália; BEZERRA, José de Ribamar M; SOARES, M. Elias. *Gênero, ensino e formação de professores*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

MARCUSCHI, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDES, Emília. Prefácio. MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (orgs.). *As emoções no discurso*. v. II, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

THEREZO, Graciema Pires. *Como corrigir redação*. Campinas, SP: Alínea, 7.ed., 2012.

THEREZO, Graciema Pires. *Redação e leitura para universitários*. 2.ed. Campinas, SP: Alínea, 2008.



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
Coordenadoria de Ingresso Discente
vestibular@puc-campinas.edu.br
(19) 3343-7100